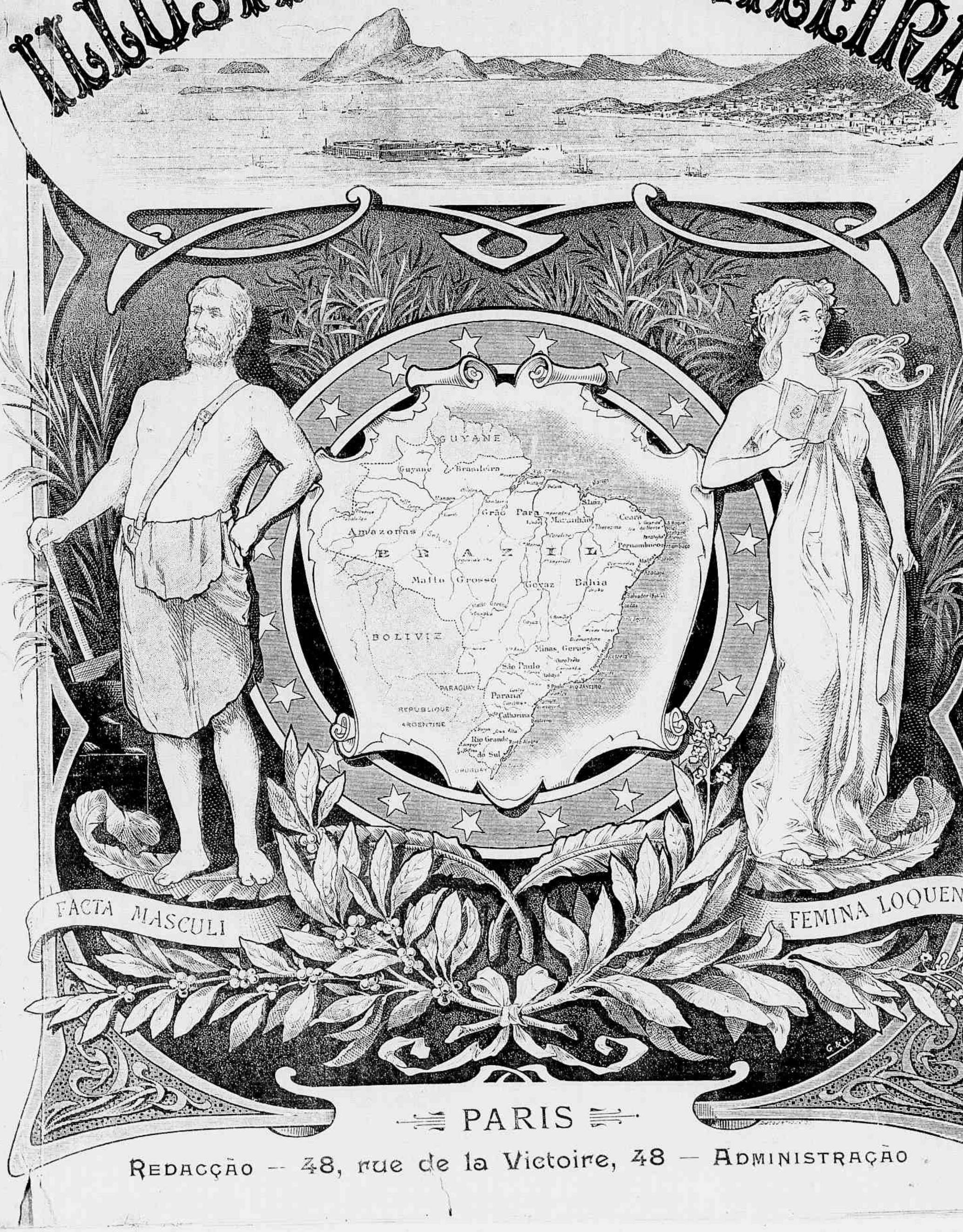
ANNO I. — Nº 1.

1 de Agosto de 1901.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA



PARIS

REDACÇÃO — 48, rue de la Victoire, 48 — ADMINISTRAÇÃO

VINHOS DE BORDEUS E COGNACS

MUNZER & FILS

Casa fundada em 1865

BORDEAUX

Esta casa recommenda ao publico apreciador, os seus excellentes Vinhos de Bordeus e Cognacs, premiados em diversas Exposições universaes.

Casa em Paris : **MUNZER Frères, 47, rue de Maubeuge**

Casa de commissões, exportação e importação.

MARCA REGISTADA

SOCIEDADE ANONYMA
DE
DISTILLAÇÕES DE JONZAC

Vendas em caixa
de Cognacs e superior Champagne.

JONZAC (proximo de COGNAC)

COMPAGNIE ANGLO-FRANÇAISE

Productos authenticos especialmente recommendados

VINHOS E COGNACS DA CASA

A. GUILLAUME & Ca.-Talence

Fundada em 1863

Proprietarios do **CHATEAU MARGAUT** (Talence), do **CLOS DE LA MÉTAIRIE** (St-Émilion), do **DOMAINE DE LA CIGALE** (St-Estèphe), da **MAISON A COGNAC.**

Fornecedores ... Real Côrte da Austria-Hungria; de S. M. o Rei ... de S. M. o Rei da Grecia; de diversos Grão-Duques da Russia e da Allemanha, e do Governo de Nicaragua. — Ex-fornecedores da Presidencia da Republica Franceza.

Recommendados nos Hospitaes, Hospicios, Pharmacias, etc.

Referencias no Brasil :

LONDON AND BRASILIAN BANK (Limited)

O CALAYA

Febrifugo, antiseptico, antithermico tonico

Em **xarope** ou em **capsulas**

Cura immediatamente : febres ***infecciosas, paludosas, perniciosas, biliosas, hematuricas.***

BÉRIBÉRI e FEBRE AMARELLA

Todos podem preservar-se de estas molestias pelo uso do **VINHO DE CALAYA**, antiseptico, tonico, reconstituinte.

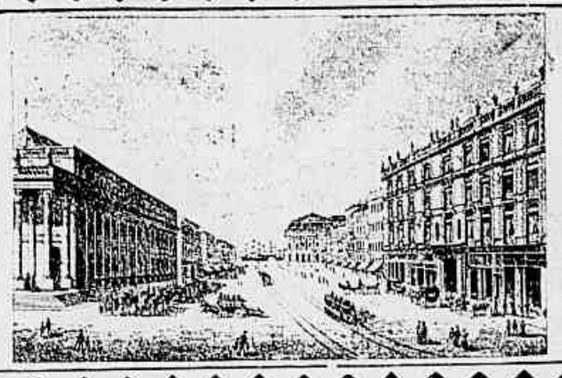
O **CALAYA** é recommendado pela Faculdade de Medicina de Paris, e adoptado pelos governos Brasileiro, Americano, Allemão, Francez e Inglez.

O CALAYA

SÉDE SOCIAL: Allées de Tourny, 38, BORDEUS

No RIO DE JANEIRO, no estabelecimento de FREIRE GUIMARÃES

HOTEL: DE **LA PAIX** ET **RICHELIEU** 40 C. du Chapeau-Rouge BORDEAUX



HOTEL: DE **LA PAIX** ET **RICHELIEU** 40 C. du Chapeau-Rouge BORDEAUX

MANTEIGA DA ESTRELLA

BEURRE DES PYRÉNÉES GARANTI NATUREL — MARQUE DÉPOSÉE — QUALITÉ EXTRA

J. B. MASCLET Aîné — BORDEUS

Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil

SÈDE:
Rua Nova do Ouvidor, 29, 29 A
RIO DE JANEIRO

Endereço telegraphico: LOTERIAS-RIO — Caixa do Correio, n.º 41

Contracto com o Thesouro Federal para as loterias da União, de 31 de Dezembro de 1896.

EXTRACÇÕES DIARIAS: Rua de S. José, 92, RIO DE JANEIRO

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS AGENTES GERAES:

CAMÕES & C.ª, Rua de Camões, 2 A — *Endereço telegraphico: PEKIM-RIO* e **Luiz VELLOSO & C.ª**, Rua Novo do Ouvidor, 10 — *Endereço telegraphico: LUZVEL-RIO*

CAIXA DO CORREIO, N.º 817

A. LACOSTE & Fils

CASA FUNDADA EM 1845

Boulevard de Caudéran, 139, BORDEAUX

CASA EM LONDRES : Waterloo Place, 13

Os melhores vinhos de Bordeus, Cognacs, vinhos de Borgonha e de Champagne.

PROPRIETARIOS DO DOMINIO DE CLOS LAGARDE
Grande terreno vinhateiro de Graves.

Medalha de ouro, premio de viticultura, concedido pela Sociedade de Agricultura da Gironde.

LENTHÉRIC

Grande sortimento de chapeus para Senhoras

AS MAIS ARTISTICAS E MAIS ELEGANTES CREAÇÕES DA MODA

PERFUMARIA DAS ORCHIDEAS

Colossal deposito dos mais finos e delicados perfumes

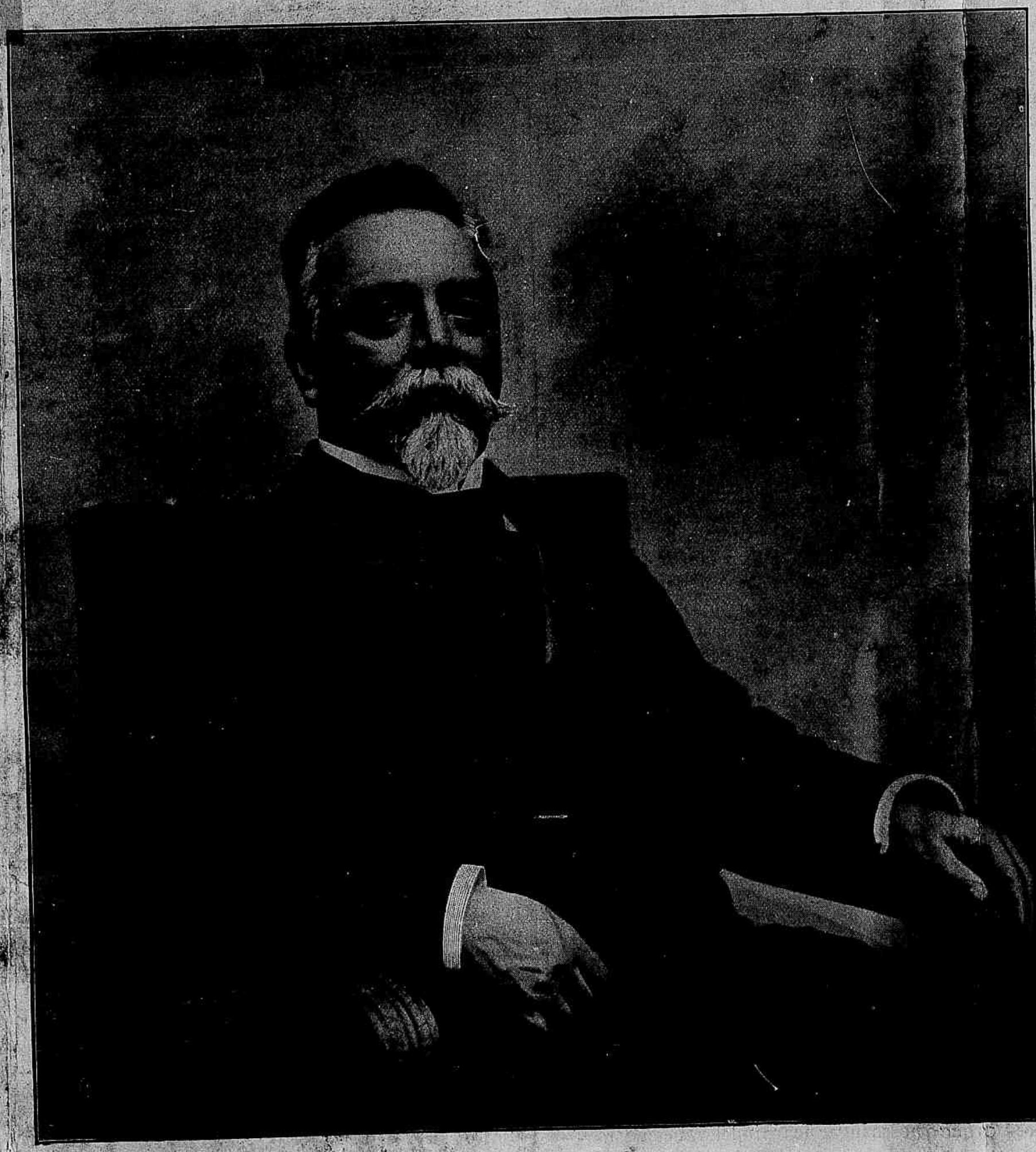
PARIS, Rue Saint-Honoré, 245, PARIS

Casas filiaes em LONDRES, NICE, MONTE-CARLO, etc.

Illustração Brasileira

ANNO I | PARIS, AGOSTO DE 1901 | NUMERO I

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO



Dr. CAMPOS SALLES

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Illustração Brasileira

ESTREITAR as relações intellectuaes entre o velho e o novo mundo, n'esta hora em que toda a humanidade confraterniza no esforço da mesma civilisação, é sem duvida uma nobre e sympathica tentativa.

Nascida sob o ceu da Europa, entre a actividade phenomenal de uma das maiores cidades do globo, a *Illustração Brasileira* vae, através dos mares, procurar a sua verdadeira patria, onde o maravilhoso sol dos tropicos já brilha nos pomos de ouro de uma arvore que cresce sempre e que, n'um breve futuro, espalhará a sua benefica sombra por toda a Terra.

Longe vae o tempo em que, como dizia o triste Malagrida, a palavra era dada ao homem para esconder o seu pensamento. Hoje, sob o céu azul e livre, a palavra é luz, porque da luz tem o brilho fecundo, a força e a rapidez da transmissão! É relampago que rasga o Desconhecido e entremostra o Infinito,—e, irmã gemea do sol, ella faz germinar os cerebros como terra fresca de primavera! —De isto, provém a força, quasi omnipotente, da Imprensa nas sociedades modernas—e tambem a sua pesadissima responsabilidade.

Afastando paixões de toda a especie, polemicas estereis e irritantes, só procuraremos acompanhar, como chronistas cuidadosos e conscienciosos, o desenvolvimento da nossa patria, historiando os seus progressos, registando as suas glorias, archivando a memoria dos seus homens illustres de todos os tempos, documentando emfim, de uma maneira clara e interessante, o importantissimo periodo de transformação que o Brasil agora atravessa.

Uma primorosa selecção de collaboração e de assumptos, distinguirá a *Illustração Brasileira*. Comtudo, desejando interessar a todos, responder á legitima curiosidade de cada espirito, ter um lugar definido e perduravel na sympathia geral, daremos ao texto da nossa revista a amplitude consentanea com as formulas do nosso programma. As litteraturas brasileira e portugueza, irmãs de leite, serão representadas nas nossas paginas, pelos seus mais eminentes escriptores, com producções absolutamente ineditas. As mais notaveis creações das sciencias, artes e industrias modernas, não serão tambem esquecidas; estudal-as-hemos com o desvelo que merecem esses factores tão importantes da civilisação e da prosperidade dos paizes de hoje.

Todavia, nem só ás severas e exigentes curiosidades masculinas satisfaremos; a Mulher e a Creança terão egualmente o seu quinhão na partilha da nossa revista; uma ampla secção de modas e sports feminis e infantis, facultará ás senhoras e ás creanças graciosos jardins com flores sempre abertas á sucção das borboletas ageis dos seus olhos. Esta secção, que merecerá especial cuidado nosso, terá sempre, como é facil de presumir, a mais flagrante actualidade; pois sendo Paris a terra-mater dos inventos de elegancia, a nossa situação na grande cidade franceza, permitte-nos reproduzir sempre os ultimos modelos com uma presteza e uma fidelidade raramente conhecidas do publico brasileiro.

Com toda esta bagagem, diante de uma lacuna deploravel, parece-nos que o nosso lugar ficará indelevelmente marcado. O Brasil, sempre grato a todos aquelles que trabalham para a sua grandeza, fará justiça,—e applaudirá patrioticamente a nossa tentativa.

Dr. Campos Salles

O ACTUAL Presidente da Republica nasceu na cidade de Campinas em 1842. Seus paes, Francisco Antonio de Salles e D. Candida de Salles, ambos fallecidos, foram pessoas de muitas virtudes. Seu pae, um lavrador de espirito culto, — o que se chama, em S. Paulo, um fazendeiro illustrado, — e sua mãe, senhora religiosa e digna de veneração, exerceram sobre seus filhos uma feliz influencia, pela vida moral, cheia de bons exemplos.

Quando attingiu a idade propria dos estudos, o actual Presidente da Republica foi mandado para a cidade de S. Paulo, onde fez uma bella carreira academica. — Comtudo, apezar da sua notavel intelligencia, esteve o Sr. Campos Salles em risco de ver suspensos os seus trabalhos escolares; e foi precisa a intervenção do seu amigo e correspondente na capital, o Sr. Malachias R. de Salles Guerra, para que o joven, cheio de vida e aptidões, pudesse iniciar o curso de direito na conhecida faculdade. Durante a sua vida academica, revelou o Sr. Campos Salles muito talento para as luctas da imprensa. Com Cezario Alvim, R. Pestana e F. Quirino dos Santos, collaborou na *Razão* e em outros jornaes do tempo, conservando ainda viva, como homem de fortes e nobres sentimentos, a memoria das relações d'essa epocha de gratas recordações.

Formado em direito, em 1863, o Sr. Campos Salles estabeleceu-se com escriptorio de advogado na cidade do Rio-Claro, a oeste de S. Paulo. Ahi se fez logo conhecer vantajosamente pelas suas raras aptidões juridicas e sobretudo pelo vigor da sua palavra clara, methodica e sempre eloquente, casando, algum tempo depois, com sua prima, D. Anna Gabriella de Campos Salles, senhora de primorosas virtudes, que sempre mereceu o mais profundo respeito da sociedade paulista.

Pertencente, em politica, ao partido liberal, em cujas fileiras militou com grande credito, o joven advogado foi eleito, em 1866, deputado provincial, e dentro dos limites relativamente estreitos do seu cargo, o Sr. Campos Salles brilhou desde logo, revelando grande capacidade para as luctas e discussões politicas, nas quaes teve de degladiar-se com os mais eminentes vultos d'aquelle tempo.

Estava elle exercendo ainda o mandato de deputado provincial, quando se operou, em 16 de julho de 1868, notavel mudança no scenario politico do Brasil, com a ascenção do gabinete conservador, presidido pelo fallecido Visconde de Itaborahy. Essa inesperada mutação, exigida por graves necessidades politicas, que o paiz ignorava, causou um abalo profundo na opinião publica. O partido demissionado por um processo que o venerando Zacarias de Goes e Vasconcellos qualificou de desacertado, abriu, na opposição, uma viva campanha contra o poder pessoal e até contra as instituições.

Desde que o partido liberal publicou o grande manifesto de 1869, que aconselhava a abstenção e concluia com as palavras *reforma ou a revolução*, estavam lançadas as sementes das quaes brotou vigorosamente o partido republicano. Entre os organisadores da nova facção, recrutada na vanguarda do partido liberal, estava o Sr. Campos Salles, que luctou cerca de 20 annos pela victoria das suas idéas. Auxiliado por Americo Brasiliense, Quirino dos Santos, Glycerio e outros, transformou a cidade de Campinas, onde então residia, n'um poderoso baluarte democratico e

quando veio a « lei Saraiva », em 1881, estava o partido republicano organisado em quasi toda a provincia de S. Paulo, podendo enviar á Assembléa provincial seis deputados : Campos Salles, Gabriel de Piza, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Martinho Prado e Pinheiro Machado.

Tendo conquistado nas luctas da propaganda e nos debates da Assembléa provincial, uma grande auctoridade, o Sr. Campos Salles foi eleito, em 1885, deputado geral, e tomou assento na camara, onde votou pelo projecto Dantas. Dissolvida a camara, continuou na chefia do partido republicano de S. Paulo, — e foi n'esta posição que o encontrou o 15 de novembro.

Entrando para o Governo Provisorio, como Ministro da Justiça, o Sr. Campos Salles realisou planos e reformas, que podem encontrar contradictores, mas que revelam meditação e estudos. Na discussão da reforma judiciaria, proferiu na Constituinte, um notavel discurso defendendo as suas idéas, atacadas por homens de alto valor, como José Hygino e Amphilophio. Na administração da sua pasta, fez economias e foi, no dizer do *Jornal do Commercio*, o unico membro do Governo Provisorio que soube ser sobrio em um periodo de prodigalidades.

Eleito senador pelo seu Estado, exerceu grande influencia entre os seus collegas e foi mesmo, algum tempo, um intermediario entre o Senado e o Poder executivo.

Em 1893, veio á Europa em viagem de instrucção. Percorreu diversos paizes e observou particularmente a Inglaterra, a Belgica, a França e a Suissa, onde se demorou, retirando-se encantado da pequena, mas gloriosa Republica Helvetica.

Regressando ao Brasil por exigencias da politica que o chamava pela bocca dos seus amigos, foi eleito Governador do Estado de S. Paulo, em cuja administração luctou com graves embaraços financeiros, resultantes de grandes despezas anteriores aggravadas pela reducção das rendas.

Apresentado candidato á presidencia da Republica, foi eleito para este elevado cargo, quasi por unanimidade de votos, no 1.º de março de 1898. Com muito criterio, resolveu então o Sr. Campos Salles fazer uma excursão á Europa, antes de assumir a administração do paiz. Partindo do Rio em abril, só regressou em agosto, demorando-se na sua viagem cerca de tres mezes, que foram admiravelmente aproveitados. Durante esse periodo de tempo, o Sr. Campos Salles teve occasião de cultivar as relações pessoaes dos homens mais eminentes do mundo politico e financeiro europeu, no meio dos quaes o presidente do Brasil causou muito lisongeira impressão, pela sua intelligencia, alto bom senso e rara cortezia.

Foi durante a sua curta passagem pela Europa, que o consultaram sobre o *Funding loan*, proposto ao Brasil pelos seus credores inglezes, e como bom patriota, procurou e conseguiu melhorar grandemente as condições da offerta feita no Rio, prestando assim um relevante serviço ao seu paiz. Se o *Funding* tem no Brasil alguns desaffectos, é considerado na Europa como um instrumento salvador da nossa situação.

Regressando ao Brasil em agosto, depois de ter honrado a sua patria em toda a Europa, foi o Sr. Campos Salles recebido com grandes e merecidas manifestações de apreço. Tratou logo de organisar o ministerio que devia auxilial-o na ardua missão de administrar o paiz, e forçoso é confessar que foi muito feliz na escolha dos seus auxiliares, — estadistas que se impuzeram pelo proprio merito á estima e ao respeito da nação inteira.

Se todas as pastas deviam merecer grande attenção ao chefe do Estado, a da Fazenda, em virtude da difficil situação financeira do Brasil, tinha de ser alvo de cuidados especiaes. Assim o comprehendeu o Sr. Campos Salles que, muito habil na escolha dos seus auxiliares, soube encontrar um ministro da Fazenda que, pelos seus altos meritos intellectuaes e pela sua rara energia, tem sabido executar, de perfeita harmonia com o seu superior hierarchico, o plano do *Funding loan*, e conseguiu já elevar, por meios normaes, o cambio de 6 a 13. A todos os ministerios, tem imprimido o senhor Campos Salles uma boa direcção e normas de sabia economia, — mas ao da Fazenda, especialmente, tem elle dado toda a força de que póde precisar um poderoso espirito empregado em levantar o credito e as finanças do Brasil. — E que grande serviço tem o illustre magistrado prestado ao seu paiz, com a sua politica financeira!

A opinião de toda Europa é muito favoravel a essa administração; e a alta dos nossos titulos, a melhora do nosso cambio e a confiança que renasce, são provas incontestaveis do acerto da sua direcção.

Outras muitas glorias obteve já o Sr. Campos Salles, durante o seu feliz governo. Conseguiu uma consideravel reducção no imposto sobre o café do Brasil na França e na Italia, vantagem que nenhum governo póde obter, em cerca de 30 annos. Foi este um beneficio muito notavel feito á Republica Brasileira que só mais tarde poderá aprecial-o em toda sua intensidade. O Sr. Campos Salles foi o primeiro Presidente do Brasil que recebeu em seu paiz um collega visinho. Em agosto de 1899, o presidente da Republica Argentina fez uma delicada visita ao seu confrade do Brasil e foi recebido no Rio de Janeiro com grandes festas e manifestações de sympathia e amizade. Em setembro de 1900, o Sr. Campos Salles retribuiu a visita do Sr. General Roca, sendo acolhido, em Buenos-Ayres, com extraordinario enthusiasmo, pelo povo argentino e seu cavalheiroso governo. Ainda que a politica internacional fosse sempre e seja cada vez mais inspirada por interesses materiaes, especialmente commercio e industria, uma troca de visitas entre dois chefes de nações visinhas, tem grande e benefica influencia nas suas relações reciprocas.

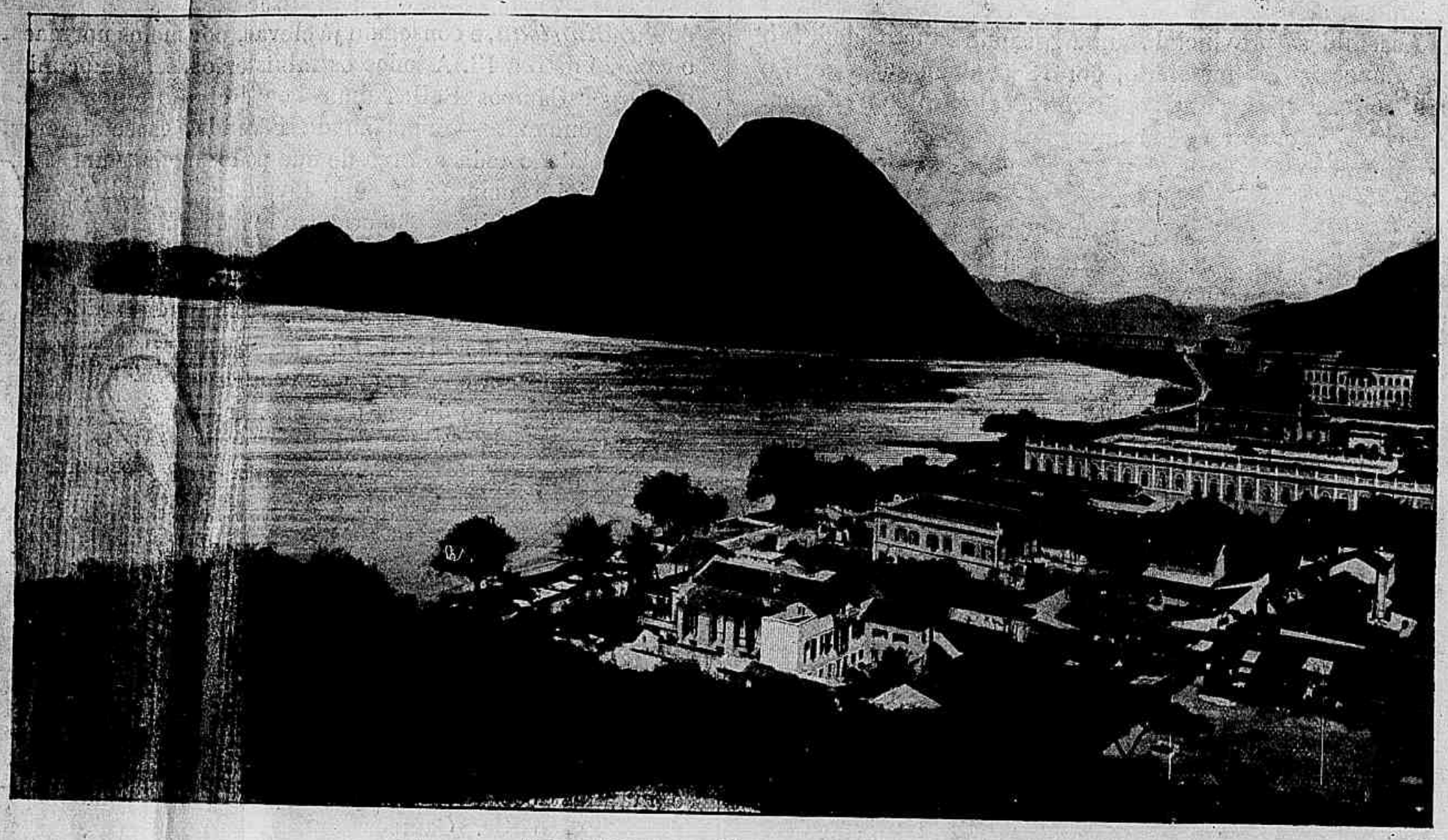
Tambem ao Sr. Campos Salles estava reservada a gloria de ver terminada sob a sua presidencia, com uma completa victoria, a nossa secular questão de limites com a Guyana franceza. Esse triumpho sem rival, devido aos esforços gigantescos do illustre barão de Rio Branco, ha-de ser altamente considerado pela historia e dará sem duvida realce e brilho ao governo que o alcançou.

O Brasil está destinado a ser uma das grandes nações da terra. A sua situação actual, já consideravel, será das mais prestigiosas no futuro, se os nossos compatriotas tiverem bom senso e amor á ordem. Quando esteve em Londres, o Sr. Campos Salles ouviu dos labios do Sr. Balfour, Lord do Thezouro, as palavras mais lisongeiras sobre a grandeza futura do Brasil.

Se a reputação dos estadistas não depende só da correcção dos seus actos mas tambem da grandeza do theatro em que operam, o nome do Sr. Campos Salles crescerá no futuro, — quando o nosso paiz, engrandecido, puder bem avaliar todos os serviços que lhe prestou este seu preclaro filho. Se é exacto o conceito de Alfred de Vigny: *que uma grande vida é um ideal da mocidade realisado pela idade madura*, póde-se dizer, do actual presidente do Brasil, que elle já teve uma grande vida. Propagandista da Republica durante a sua mocidade, viu-a proclamada no seu paiz com a sua valiosa collaboração. Conhecendo que ella se dirigia por um caminho ruinoso e cheio de desastres, — teve a felicidade de a deter á beira

do abysmo e de a encaminhar com segurança para as normas da ordem, da economia e do trabalho moralisador, unicos methodos efficazes tanto para o enriquecimento dos individuos como para a prosperidade das nações.

Se o Sr. Campos Salles levar a termo a sua nobre tarefa de restaurar o credito do seu paiz, será considerado pela Historia como um dos fundadores da Republica e um dos benemeritos da sua patria.



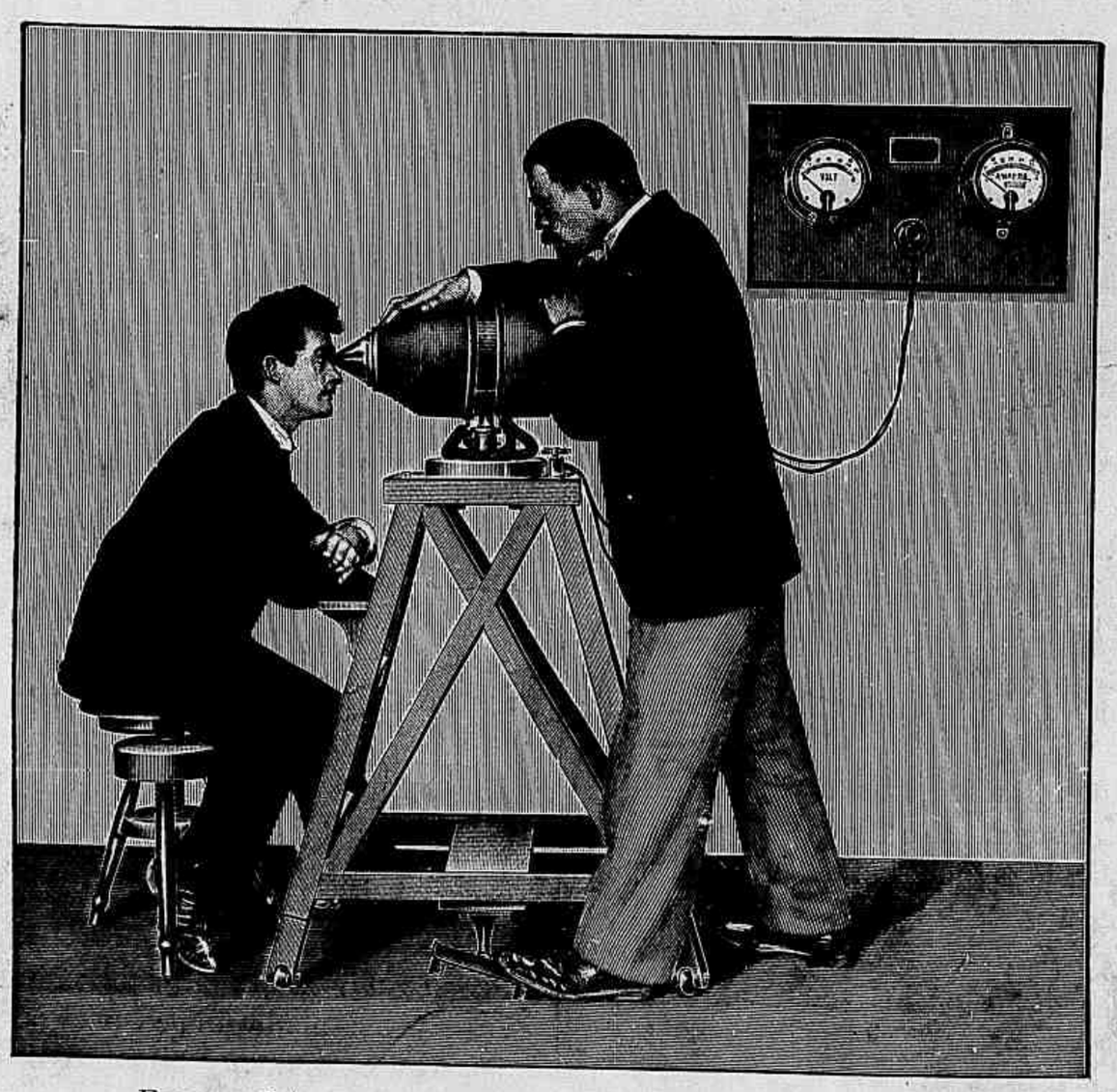
Rio de Janeiro. — Praia da saudade.

Electro-Iman

do Professor Haab

Para a extracção de particulas de ferro dos olhos.

Por meio de este novo invento, a extracção de qualquer particula de ferro dos olhos, effectua-se hoje de uma maneira tão interessante como simples. O peso total do apparelho, incluindo a disposição do fluido continuo é um cavalete de pedal para alimentar este fluido, é de 150 kilogrammas, aproximadamente. Compõe-se de uma haste de ferro, de 60 centimetros de comprimento e 10 de espessura, em volta da qual giram duas bobinas de fio de cobre, tendo parafusadas nas suas agudas extremidades, de electro-iman, guarnições douradas. A parte do olho onde, por meio do Sideroscopio, se encontrou o lugar exacto da particula de ferro, é posta em contacto com uma das extremidades do apparelho que, pelo fluido, traz á camara anterior do olho o corpo nocivo que o operador logo extrae com precaução e rapidez.



Electro-Iman para a extracção de particulas dos olhos.

OS HEROES DO TRANSVAAL

A guerra da Africa do sul, com os grandes heroismos e as grandes iniquidades que a têm assignalado, é ainda hoje um acontecimento que impressiona todo o mundo.

A valorosa tenacidade de esse pequeno povo que através de desastres e victorias incomparaveis, tem conseguido impôr tão longa e ruinosa campanha a uma das mais poderosas nações do globo, é um exemplo de patriotismo bem digno de registo n'esta epocha triste em que o direito da força mais do que nunca serve paixões e cubiças insaciaveis. Vencidos, os boers não terão o auxilio official de nação alguma, é certo; mas fóra do ambiente viciado das chancellarias, encontrarão em todos os paizes civilisados as unanimes sympathias do povo. Veja-se Portugal, por exemplo, onde os refugiados boers têm encontrado o mais carinhoso acolhimento, e onde a politica dos governos, n'este incidente, foi tão vehementemente combatida pelo sentimento popular.

Longos mezes de guerra têm esfriado as paixões e as controversias que a principio se esgrimiram accêsamente entre os espectadores de essa longinqua lucta. A ella se deve talvez, indirectamente, esse irrisorio anathema que o Santo Sydono da Egreja Russa lançou ha pouco sobre Tolstoï, por este grande escriptor ter mais uma vez affirmado—e com destemido vigor—as suas conhecidas theorias sociaes, no prefacio de um pequeno livro, *Pelos boers contra o Imperialismo*, publicado ha mezes pelo principe Gregorio Volkonsky. Eis algumas linhas de esse prefacio:

«Não posso ouvir dizer que em qualquer guerra, não importa qual, a culpa pertence exclusivamente a um dos belligerantes. Diga-se, embora, que o procedimento de um dos adversarios é mais condemnavel do que o do outro; mas todos os inqueritos para se apurar quem é o verdadeiro culpado, nunca explicarão as causas de uma catastrophe tão espantosa como a guerra. Para todo o homem que não fecha os olhos á verdade, esses motivos são bem evidentes, não só na actual guerra do Transvaal como em todas as guerras dos ultimos tempos. Tres são elles: —1.º, a desegual repartição da riqueza, que é a espoliação de uns pelos outros; 2.º, a existencia de uma classe militar, *isto é uma classe de individuos destinados e educados para o assassinio*; 3.º, o ensino religioso, propositadamente enganador, quasi sempre, sob o qual são instruidas e formadas as novas gerações.»

GENERAL JOUBERT
COMMANDANTE EM CHEFE DAS TROPAS TRANSVAALIANAS, FALLECIDO DURANTE A CAMPANHA.

GENERAL VILLEBOIS-MAREUIL
MORTO NO COMBATE DE BOSHOF EM 5 DE ABRIL DE 1900.

GENERAL CRONJE
APRISIONADO PELOS INGLEZES, NO COMBATE DE PAARDEBERG, EM 27 DE FEVEREIRO DE 1900.

GENERAL BOTHA
ACTUAL COMMANDANTE DAS TROPAS TRANSVAALIANAS.

As nossas gravuras representam alguns dos homens que mais se têm distinguido n'essa deploravel lucta:—Joubert, que tantas vezes illudiu e venceu os melhores tacticos inglezes; Villebois-Mareuil, gloriosamente morto em defeza dos opprimidos,—figura sympathica e nobre, querida especialmente de francezes e brasileiros, pois filho de uma senhora de Pernambuco, tambem nos pertence uma parte da herança de gloria que elle deixou; Cronje, o successor de Joubert, actualmente prisioneiro; Botha, o actual generalissimo das tropas transvaalianas, cujas qualidades de commando tão assignaladas estão sendo n'este longo e sangrento epilogo da lucta.

O facto a que allude a nossa ultima gravura, tem sido trivial na guerra transvaaliana. Familias inteiras, muitas vezes sem excepção de mulheres e creanças, engrossam as fileiras que defendem o solo livre da patria; póde faltar a alguns, por insufficiencia de idade, a capacidade physica necessaria aos rudes trabalhos da guerra,—mas o que lhes não falta, com certeza, é a nobre, admiravel e altiva coragem com que affirmam e defendem os seus direitos sob a formidavel metralha do inimigo.

A GUERRA DA AFRICA DO SUL. — UM BOER TRANSVALIANO COM OS SEUS DEZ FILHOS ARMADOS PARA A CAMPANHA.

As Creanças na Litteratura

É debalde que nas litteraturas latinas nós procuramos encontrar esta deliciosa flôr que se chama a *creança*, idealisada pela penna de um grande escriptor sincero e consciencioso.

A creança diz pouco ou não diz nada aos romancistas, aos poetas da França, de Hespanha, de Portugal ou do Brasil.

Não sei porquê, elles não possuem a chave d'esse enygma encantador, o segredo d'essa esphinge de grandes olhos limpidos e vagos onde o Ceu se reflecte com todos os seus cambiantes de sombra e luz.

Não os interessa o que pensam, o que sonham, o que adivinham da terra essas creaturas de graça e de mysterio, cujas interrogações impressionam tanto, cuja falla balbuciante é a melhor musica de um coração de mãe, cuja inflexivel logica desorienta e humilha os que pela edade se lhes julgam superiores.

A litteratura franceza é n'este ponto de uma deficiencia deveras lamentavel.

Ha muito quem affirme que a *Maman* franceza é das melhores, das mais ternas, dedicadas e heroicas; porque não estuda ella a alma em botão do filho pequenino, e nos não dá essa obra prima do espirito humano que seria uma alma de creança interpretada pela milagrosa intuição do amor maternal?

Nas letras francezas, conhecemos a creança que foi Jean-Jacques Rousseau contada por elle mesmo e da qual nos deixou a mais antipathica das imagens; a creança que foi Vallés, tambem por elle mesmo contada, e que em todo o caso póde servir de typo e de modêlo aos revoltados desde o berço, áquelles que na idade em que ainda se é anjo, já sentem em si os odios, as invejas, as coleras de um demonio que podem vir a ser.

Lotti quiz dar-nos a alma de uma creança obscura, vaga, sonhadora, mas não conseguio imprimir nas suas palavras o tom de ingenua verdade que ellas precisariam de ter, para interessar.

Muitos romancistas escrevem sob a forma auto-biographica, pondo em scena um personagem de ficção o qual invoca e descreve a sua infancia. Nunca, porem, logram prender o nosso espirito.

Temos sempre pressa de chegar ao momento em que o heroe despe as fachas infantis e se lança no combate duro da vida.

A creança na litteratura franceza não existe.

E no emtanto que elementos de graça, de pathetico, de *humour*, de poesia ella perde, despresando esse personagem infantil que em outras litteraturas é tão poderosamente aproveitado.

Lembro-me, por exemplo, de que Foggazzaro, o grande romancista italiano, nos dá no seu bello trabalho, *Picolo mondo antico*, uma figura de pequenina que é dos mais felizes achados que ainda teve um escriptor. Essa pequenina travêssa, curiosa, petulante, meiguinha, cheia de dictos que são verdadeiramente *dictos de creança*, sem esforço e sem litteratura, perfuma de agreste doçura todas as paginas do livro admiravel. Quando ella morre, eu tive vontade de fechar o volume. Não me interessavam mais os outros — aliás esplendidamente desenhados e por assim dizer vivos — não me interessavam mais os outros porque ella tinha morrido, a dôce a graciosa *Ombretta*, do livro encantador.

E chorei, chorei lagrimas sinceras, lagrimas partidas do coração, por essa pequenina flôr de poesia que o sôpro do escriptor tinha evocado, e tinha apagado depois como se apaga uma luz; por essa borboleta branca e leve que a imaginação de um poeta fizera voejar, um momento, de flôr em flôr, e esvair-se no espaço.

Que pena que seja tão sáfara de figuras como esta, a litteratura italiana! E no emtanto se ha lingoa que se prestasse á conversação das creanças, é essa lingoa dulcissima, em que os diminutivos são de inexgotavel riqueza, em que ha syllabas que sôam como caricias do ouvido, e em que a magestade das linhas classicas se póde esconder sob uma profusão paradisiaca das mais lindas flôres.

* * *

Felizmente esta lacuna das litteraturas latinas, preenche-a admiravelmente a litteratura anglo-saxonia. Que adoraveis creanças as creanças de Inglaterra, quer nos quadros e nos retratos dos seus pintores de ideal magnificencia, quer em carne viva e tenra sob a folhagem dos seus parques frondosos e deliciosamente tractados, quer — e a estes especialmente me refiro — nas paginas dos seus inimitaveis romances!

A litteratura ingleza é de uma psychologia penetrante e subtilmente delicada. Estuda com minuciosidades de analyse finissima os caracteres da sua raça, mas não se limita a estudar o homem e a mulher já modificados pela acção da vida, já gastos nas suas arestas mais duras pelo contacto frequente do seu semelhante, já desfibrados pela força brutal das circumstancias exteriores.

É na infancia que ella vae procurar a raiz de tudo que no homem e na mulher a attrae e interessa; e nada por isso mais rico que a galeria dos seus typos infantis.

Como na Inglaterra ha muitas mulheres de talento e algumas de genio que têm consagrado a sua vida á litteratura, e como o instincto maternal da mulher póde ser illudido, sophismado, mas nunca de todo anniquilado e extincto, as escriptoras e as romancistas da Inglaterra que não tiveram filhos, descobriram esta *maternidade ideal* que as compensa da perda da outra.

Por exemplo em *Villette* de Charlotte Brontë, ha nas primeiras trinta paginas uma obra prima de psychologia infantil. Tractam de uma creança, de uma pequenita de quatro ou cinco annos, que o pae, em vesperas de emprehender uma viagem necessaria, vem entregar temporariamente a uma velha amiga. Com esta materia prima elementar, faz miss Brontë um quadro delicioso, que bastaria para lhe consagrar o nome, se outras obras de grande folego o não tivessem consagrado já.

E as duas creanças de *Mill on the Floss* de George Elliot! Que verdadeiro encanto de descripção; que intuição admiravel! Que primor de evocação real e verdadeira!

São um rapaz e uma rapariga. O rapaz, Tom, é o typo do rapazito que virá a ser o homem inglez vulgar. Brutal, egoista, casmurro, auctoritario. Perante a pequenina irmã, que o adora em extases, elle não tem nunca uma palavra de ternura, nem uma expressão de agradecimento.

Tudo lhe é devido, a esse pequenino tyranno que na liberdade e na abundancia da vida rural, irá adquirindo fortes musculos, capacidade de trabalho, endurecimento physico e moral, consciencia da sua soberania masculina, do seu poder de governar sem nunca ser governado.

Ella, a pequena Madge, será mais tarde a grande e genial escriptora chamada George Elliot e portanto é sob o seu aspecto excepcional que devemos estuda-la, mas que deliciosa figura de graça, de capricho, de ternura, e de abnegação inconsciente!

Se a mulher ingleza tem aquella bemdita infancia, não

admira que ella seja a bella creadora de raças que tem sido, e será, nas correntes successivas da Historia!

* * *

Os escriptores que não têm nem a sensibilidade vibrante morbida da auctora de *Jane Eyre*, nem a genial sympathia da auctora de *Adam Bede* possuem porem ainda assim um instincto que os faz procurar na creança um elemento de profundo interesse para os seus estudos de caracteres. É isto que faz com que um romance inglez mediano seja de leitura mais util, proveitosa e instructiva do que um bom romance *continental*, para fallar como elles.

O estudo do caracter humano em todas as suas modalidades infinitas, é o thema preferido pelos escriptores da Inglaterra. E não ha nada mais interessante do que estudar, não o homem abstracto, o homem typo, — como faz a litteratura classica — mas o homem em varias posições sociaes, sob o imperio de varias circumstancias, sob a marca indelevel das diversas profissões que o modelam gradualmente, sob a influencia dos differentes *meios* em que nasceu, e tem de viver, e de actuar.

O caracter da raça já na infancia se revela em pequeninos traços que a litteratura anglo-saxonia sabe discriminar com uma subtileza de analyse incomparavel.

Para ella o homem não nasce completo, feito, como para a litteratura latina de origem e processos classicos. Não. Vae-se fazendo lentamente, debaixo das forças mysteriosas com que n'elle operam a hereditariedade inevitavel, o meio social, a educação da familia e a da escola; os exemplos recebidos desde os primeiros annos, os preconceitos, as tradições, as ideias, os factos.

Esta absorpção feita pela creança dos elementos exteriores que têm de affeiçoal-o em complemento, ou em conflicto, com os elementos herdados a que não póde subtrahir-se, forma um dos capitulos mais interessantes, bellos e elucidativos da litteratura britannica.

Porque não ha-de Portugal e sobre tudo o Brasil cuja litteratura póde ainda facilmente libertar-se das influencias recebidas de uma raça envelhecida e gasta, seguir n'este ponto, ao menos, o grande exemplo que nos dão os escriptores da Inglaterra?

É um filão d'ouro que lhes indico. Oxalá alguns o queiram seguir.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Lisboa, Abril 1901.

CORDELIA

Essa que ahi vae deitada no ataúde,
Pallida como cera, as mãos cruzadas,
É a imagem da Belleza e da Virtude,
Relicario de estrellas apagadas!

Frio cofre de sonhos! Só os poetas
Podiam vêr espirituaes bellezas
D'essa que ahi vae, coberta de violetas,
Entre as luzes — as lagrimas accesas...

Vinde vêr, Namoradas! como dorme
A que teve chymeras côr da lua,
E que hoje entrou na cathedral enorme
Da Morte — um sonho immenso que fluctua...

Vinde vê-la, Poetas, no horizonte
Sumir-se, a vossa irmã linda e suave...
— A que morreu como se fosse uma ave,
E que era simples como a flor do monte!

JULIO BRANDÃO.

Couraçado « Floriano »

CONSTRUIDO para o Governo Brasileiro em la Seyne, nos estaleiros da Companhia Forges et Chantiers de la Méditerranée, é igual ao *Deodoro* e constitue, com este navio e o cruzador *Benjamin Constant*, tres productos industriaes de grande valor militar, que muito honram os creditos profissionaes de quem os concebeu e realisou.

Lançado ao mar em 6 de Julho de 1899, o *Floriano* ultimou ha pouco os preparativos para fazer-se ao mar. Possue as seguintes dimensões : comprimento, 81m,50; bocca, 14m,60; pontal, 8m,05; calado, 4m. O deslocamento é de 3.163 toneladas. O casco, construido de aço pelo systema transversal ou habitual, tem duplo fundo, cellulas, e diversos compartimentos, estanques transversaes e longitudinaes.

Pertence ao typo « guarda costas », sendo protegido na fluctuação em todo o seu comprimento, por uma cinta de couraça, de aço nickelado, da espessura de 0m,350; o convez, revestido pela mesma couraça, é da espessura de 0m,035. O seu armamento compõe-se de duas torres excentricas couraçadas com chapas de aço nickelado da espessura de 0m,035, situadas uma ávante e outra á ré, e contendo cada uma um canhão Armstrong do calibre 0m,245. No reducto comprehendido entre as duas torres, ha quatro canhões Armstrong do calibre 0,120, e na tolda seis canhões Hotskiss do calibre 0m,057. No passadiço, existem dois canhões Maxim Nordenfeldt de 0m,037 e nos dois mastros outros dois canhões Maxim, automaticos, do calibre 0m,037. Possue mais dois canhões de desembarque, do calibre 0m,075, de campanha, e duas metralhadoras, calibre fuzil, Maxim Nordenfeldt. Total, 23 boccas de fogo.

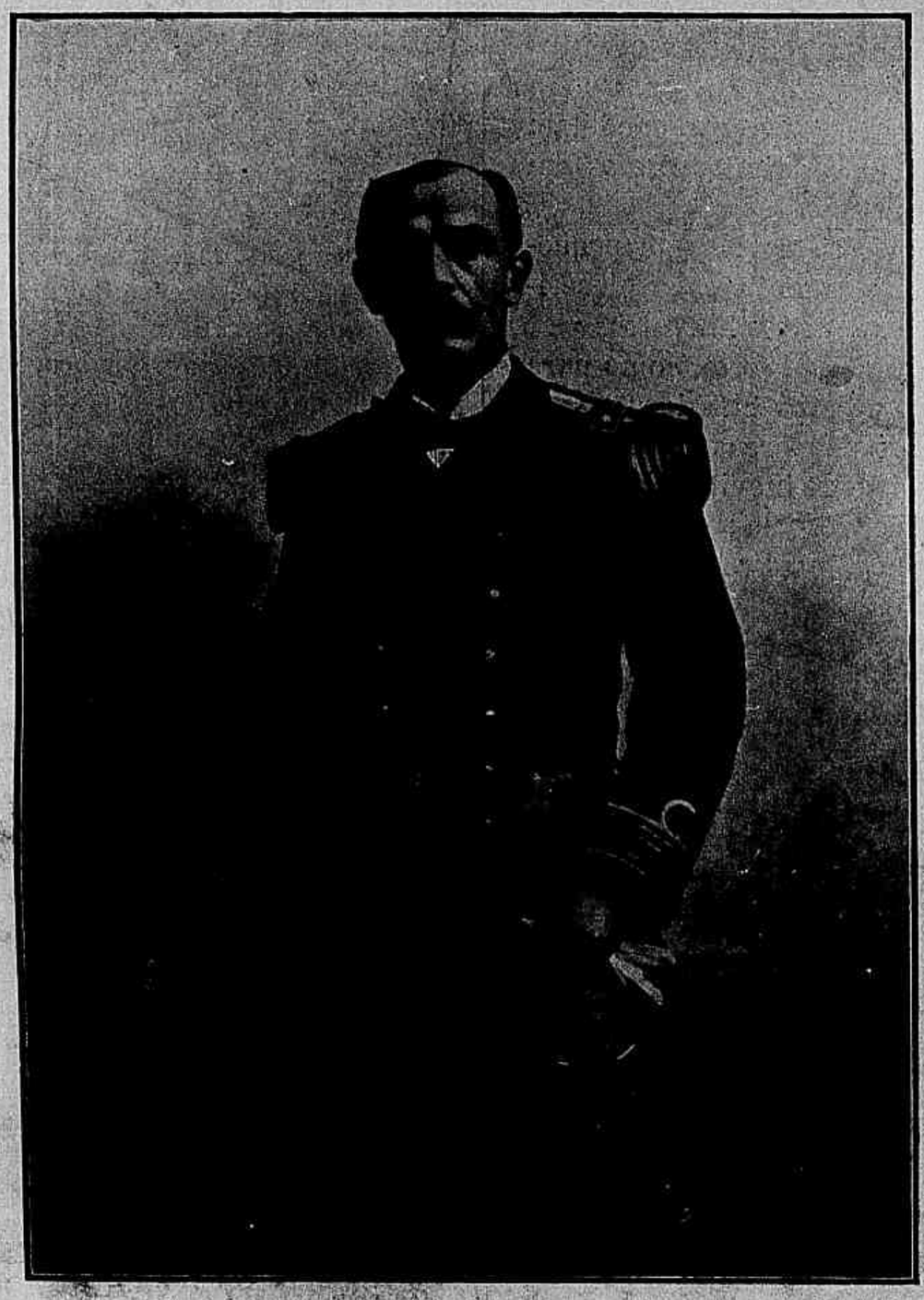
O movimento das torres, carregamento e manobra dos canhões, são feitos pela electricidade e a braço. As machinas motoras são em numero de duas e com duas helices, de triplice expansão, com condensação por superficie e circulação independente. Desenvolvem a força collectiva de 3.665 cavallos e dão ao navio a velocidade de 15 knots e um quarto, por hora. Os apparelhos evaporadores são oito, situados em dous compartimentos e grupados dous a dous. Pertencem ao systema d'Allest e foram fabricados nas officinas da Companhia Forges et Chantiers. As carvoeiras comportam 240 tonelladas de carvão, o que dá ao navio um raio de acção de 10 dias de marcha a toda a força.

Possue uma serie de machinas auxiliares, para os diversos misteres de bordo, e duas bombas, de 300 tonelladas cada uma, para esgoto do navio. Quatro dynamos, de 400 ampéres cada um, fazem a manobra das torres e artilharia, ventilação interna do navio e illuminação interna e externa, consistindo aquella em 200 lampadas, da força de 10 velas cada uma, e esta de signaes electricos, pharoes para a navegação, cada um de 50 velas, dois projectores Magin de 30.000 velas cada um, e da illuminação de gala. Quando os apparelhos evaporadores não funccionam, um motor a petroleo, da força de 8 cavallos, põe em acção uma bomba electrica para os tanques sanitarios e bem assim um dynamo para os ventiladores e para fornecer as 60 lampadas incandescentes da illuminação de policia do navio.

A officialidade de este couraçado é a seguinte : — Commandante, Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes, capitão de mar e guerra ; immediato, Candido dos Santos Lara, capitão de fragata ; Heraclito da Graça Aranha, Arthur Thompson, Eduardo Justino da Proença, Oscar Gomes Braga, Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro, Frederico Octavio de Lemos Villar, Carlos Frederico de Noronha, primeiros tenentes ; Adalberto Nunes, segundo tenente ; Dr. Albino Moreira da Costa Lima, cirurgião, primeiro tenente; Luiz Emilio Belart, commissario, segundo tenente; Paulo Paquet, chefe de machinistas, primeiro tenente ; José Baptista de Moura, primeiro tenente, machinista; Alfredo Baptista Dutra, Americo Baptista de Souza, Arthur Ferreira da Silva Carneiro, segundos tenentes, machinistas; Bernardo Joaquim de Mattos, Francisco Antonio Bandeira de Mello, Virgilio de Pinho, Ismael Dias Braga, Sebastião da Costa Oliveira, Lineo Ferreira de Souza Barros, Serafim José Soares, guarda-marinhas.

Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes

O ILLUSTRE official, cujo retrato publicamos, capitão de mar e guerra, Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes, actual commandante do couraçado *Floriano*, fez os seus estudos preparatorios no internato do Imperial Collegio de D. Pedro II, onde obteve o primeiro premio, após distinctas approvações. Matriculou-se na Escola de Marinha em 1868, onde assentou praça como aspirante; e depois de completar o referido curso, foi nomeado guarda-marinha, tendo obtido na Escola approvações plenas, gráos 8 e 9. Afim de concluir o antigo curso escolar, foi nomeado para embarcar na corveta *Bahiana*, onde fez, sob o commando do então capitão de fragata Alves Nogueira, viagens á vela pelas costas d'Africa, do Brasil e da maior parte das ilhas do Atlantico, tendo como instructores o actual contra-almirante Julio Cezar de Noronha e o fallecido contra-almirante Saldanha da Gama. Em 1872, foi promovido ao posto de segundo tenente, embarcando na canhoneira *Mearim*. Em 1873, foi promovido, por distincção, ao posto de primeiro tenente, sendo nomeado para servir como official dos couraçados *Herval* e *Cabral* nos quaes fez viagens do Rio á Bahia. Exercia as funcções de immediato de Saldanha da Gama, então capitão tenente na canhoneira *Araguary*, quando foi nomeado professor da turma de guarda-marinhas, embarcada na corveta *Nictheroy*, effectuando, como professor e official do navio, a viagem que a mesma corveta fez aos mares da Europa, sob o commando do capitão de mar e guerra, José da Costa Azevedo. Terminada esta commissão exerceu novamente o cargo cumulativo de official de bordo e professor dos guarda-marinhas na corveta *Vital de Oliveira*, acompanhando a mesma corveta nas suas viagens pelas costas d'Africa, mar das Indias, Mediterraneo, costas do Brasil e Ilha da Trindade, sob o commando dos capitães de fragata, Luiz Maria Piquet e Julio Cezar de Noronha. Em um intervallo de duas de estas excursões, embarcou na corveta *Trajano* para a Europa, e regressando ao Brasil comboiou o monitor *Javary*. Continuando embarcado na corveta *Vital de Oliveira*, fez a longa e importante viagem de circumnavegação de 1879 a 1881 que levou á China a missão diplomatica enviada pelo Brasil, sendo a corveta então commandada pelo actual contra-almirante, Julio Cezar de Noronha. Terminadas estas importantes commissões, apresentou-se em um concurso, para estudar construcções navaes, obtendo a primeira classificação. Depois de effectuados os referidos estudos na Europa, regressou ao Brasil, onde exerceu varias commissões a bordo, nos corpos de marinha, e a de professor de artilheria na escola pratica da mesma arma. Em janeiro de 1878, foi promovido, por merecimento, ao posto de capitão tenente. Antes d'esta promoção, no posto de primeiro tenente, publicou as seguintes obras: — *Methodos nas sciencias de observação*; — *Relatorio*, feito como official encarregado da navegação da corveta *Vital de Oliveira* na viagem de circumnavegação, sobre os novos methodos de navegação e applicação da formula de Taylor a tres variaveis aos chronometros de bordo, encarando o autor, n'essa synthese sobre os novos methodos, a maneira util e pratica de applical-os no mar; — *Os canhões do couraçado Riachuelo e sua transformação pelo systema Armstrong*, onde foi estudado, debaixo de novo ponto de vista até então descuidado, o problema geral da artilharia, mostrando que a energia dos canhões não devia ser unicamente determinada pelas grandes velocidades iniciaes mas sim tambem pelas velocidades restantes; — *Os canhões do couraçado Aquidaban*, resposta aos artigos do *Diario Official*. — Estes trabalhos sobre artilharia, que foram vertidos para a lingua ingleza, mereceram-lhe, d'El Rei D. Luiz de Portugal, a honrosa mercê de cavalleiro da Ordem de Christo. No posto de capitão tenente, esteve na Europa aperfeiçoando os seus estudos sobre artilharia, servindo mais tarde como fiscal do governo, na execução dos contractos com a casa Armstrong, para a fabricação dos novos canhões do couraçado *Tamandaré*. Proclamada a Republica em 1889, achava-se no gozo de licença, no Brasil, sendo nomeado, pelo marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da Republica, para, na qualidade de governador, organizar o Estado do Pará de accordo com o novo regimen. Ali teve de suffocar um movimento armado, entregando mais tarde o poder ao governador eleito, seu substituto legal. Regressando á capital da Republica, exerceu o cargo de director do Lloyd Brasileiro, sendo reformado em 1892; conseguiu porem não só rehaver depois o seu lugar, mas ainda a promoção ao posto de capitão de fragata. Nomeado para commandar o couraçado *Primeiro de Março*, exerceu pouco tempo esse cargo, por ter sido transferido para o couraçado *Benjamin Constant*, no qual fez uma longa viagem de instrucção, com uma turma de guarda-marinhas, pela costa do Brasil, levantando plantas das ilhas de Fernando de Noronha e Trindade. Pelo brilhante desempenho que deu a todas as importantes commissões que lhe foram confiadas, foi elogiado differentes vezes. Deixou o commando do *Benjamin Constant* para assumir a presidencia da commissão incumbida de fiscalizar a construcção do couraçado *Floriano*. Pouco depois foi promovido a capitão de mar e guerra, — e apenas concluidas as obras do *Floriano*, foi nomeado para commandal-o. N'elle, seguiu para Spezzia, afim de retribuir a visita que os navios italianos fizeram ao Rio de Janeiro, por occasião da ascendencia do senhor Dr. Campos Salles á presidencia da Republica. O affectuoso acolhimento que ali teve, é bem conhecido. O povo italiano soube apreciar condignamente a gentileza de que o illustre official era interprete. Terminada a sua missão na Italia, seguiu o *Floriano* para Portugal e nas aguas do Tejo se demorou quasi um mez, sendo o senhor Bacellar e toda a tripulação do couraçado brasileiro, recebidos com enthusiasticas manifestações de apreço.



DUARTE HUET DE BACELLAR PINTO GUEDES
COMMANDANTE DO « FLORIANO ».

Do importante jornal lisbonense, *O Seculo*, recortamos os seguintes trechos publicados dous dias antes da partida do *Floriano:*

«A tripulação do *Floriano*, desde o seu illustre e sympathico commandante até ao mais humilde dos marujos, está sinceramente rendida á nossa cidade, pelo acolhimento fraternal e amigavel que lhe foi feito.

O contrario não podiam esperar os marinheiros de um paiz amigo, mais que simplesmente amigo, oriundo do mesmo sangue e fortalecido pela mesma alma, e constantemente ligado ao nosso paiz por tantos laços de familia, a cada instante creados e renovados, e por multiplos e importantes interesses materiaes e moraes.

N'um hemispherio opposto, é certo, além-mar, sob um céu de tonalidades differentes, fruindo um clima opulento, sempre luxuriante e uberrimo, desde o alto Amazonas, ao sol ardente do equador, até á zona temperada do Rio da Prata — o Brasil encarnou, por educação de seculos e origem, o sonhar da alma portugueza, a sua poesia e até a sua intellectualidade, contra o que nada tem feito a pretensa innovação do germanismo, que um grupo de espiritos exoticos, aliás cultos, mas illogicos, tem evangelisado n'alguns centros litterarios e scientificos das terras de Santa Cruz. Mas, arte que não esteja no caracter de um povo, sciencia que se não adapte ás suas necessidades individuaes e sociaes, não podem crear raizes, e muito menos fructificar.

Por isso, ainda ali se fala e falará a nossa lingua, com a dolencia que, ao entardecer, espalham sobre a terra os prolongados poentes theatraes dos horisontes brasileiros. Por isso, ali existem e existirão sempre os mesmos arrebatamentos, os mesmos impulsos generosos, os mesmos defeitos, as mesmas virtudes, o mesmo sentir e o mesmo pensar. Os poetas ingenuos e bucolicos do Brasil, não arregimentados em escólas, soltam os mesmos queixumes e lamentos, cantam a mesma musica, enternecida e simples, que os seus bisavós ouviram em crianças nos eirados da sua terra natal, á hora da sésta, quando a eterna e romantica aventura portugueza os impellira a embarcar por longos mares para longes terras, á hora, talvez, de um adeus tantas vezes irremediavel...»

JEANNE CHAUVIN.

De Lisboa seguiu o senhor Bacellar para a Allemanha, tambem em visita de cumprimento; d'ali partirá para a Inglaterra onde vae saudar, em nome do Brasil, o novo rei Eduardo VII.

Na simples enumeração de estas importantes commissões, está patente o valor do illustre official, que já hoje tem uma longa e brilhante lista de serviços

Jeanne Chauvin

NINGUEM desconhece já o ruidoso triumpho que alcançou ha tempos esta nova legista, prestando o juramento profissional dos advogados perante a *Première Chambre de la Cour de Paris*.

Já em 1897, Jeanne Chauvin havia requerido a sua inscripção, como advogada, nos auditorios de Paris, mas apesar da sympathia geral e dos esforços de um seu illustre collega belga, Louis Franck, nada pôde obter. Jeanne Chauvin defendeu então a sua causa com raro brilho e energia, estando ainda na memoria de todos aquelles que seguiram essa questão celebre, as palavras verdadeiramente impressionantes que remataram o seu discurso: — « Peço apenas que me concedam o titulo de advogado, que é a consequencia logica de meu diploma, pois só assim o meu gráu scientifico poderá ser um valor commercial ».

N'estas palavras, mostrou Jeanne Chauvin que não encarava a questão como uma romanesca revindicação feminina, mas como a natural e necessaria solução da sua existencia de trabalho.

Comtudo, apesar da absurda recusa dos rotineiros da *Cour*, a corajosa rapariga não desanimou: teve antes a rara prudencia de saber esperar. Entretanto, o movimento feminista progredia, conquistava a opinião publica; em novembro de 1900, Jeanne Chauvin teve o prazer de assistir á votação da celebre lei de emancipação, para o exito da qual ella tanto contribuira; e em 19 de dezembro seguinte, envergada a bécca profissional, prestou o juramento que a habilitava, em fim, a desenvolver os recursos do seu talento e a justificar, de uma maneira decisiva, a sua já grande reputação de jurista.

A titulo de curiosidade, reproduzimos o pequeno discurso com que a recebeu o presidente Magnaud, de Château-Thierry, quando, pela primeira vez, ella se apresentou n'aquelle tribunal, defendendo o operario Laly, despedido injustamente pelo marmorista Pingat, seu patrão:

— « Minha senhora: — Permitta-me que supprima qualquer saudação prehistorica. Conferiu-lhe uma lei, o direito de advogar n'este tribunal, direito que, de resto, não era impugnado por nenhuma ordenação antiga; seria preciso, para lhe negar tal prerogativa, recorrer a subtilidades que apenas têm o merito de obscurecer as cousas mais evidentes. Esta lei não foi acolhida com geral enthusiasmo, pelos seus camaradas masculinos; mas este tribunal, ao contrario, applaudiu-a francamente, como applaudirá com energia qualquer decreto que tenda a emancipar a mulher, arrancando-a das garras do obscurantismo, e com ella os seus filhos e... talvez tambem seu pae! É por isto que eu tenho ainda a esperança do proximo advento de uma lei baseada na egualdade dos sexos, que fará accessivel, á mulher, a cadeira presidencial dos tribunaes ordinarios e, bem depressa, a elegibilidade para o *Conseil des Prud'hommes*. É com esta esperança, que tenho o prazer de dar as bôas vindas á primeira mulher que vem advogar perante este tribunal e que traz, com o seu diploma, intelligencia, talento e saber».

Mademoiselle Chauvin respondeu:

— « Antes de abordar a questão que eu aqui venho debater, quero agradecer ao tribunal e a V. Ex.ª, senhor presidente, as amigaveis saudações que me foram dirigidas. Seja-me permittido, por minha vez, saudar, desde já, todas aquellas que seguirão o meu exemplo. Ha questões delicadas que uma mulher não ousa expôr sem embaraço. O aspecto frio e severo dos homens da lei, intimida-a. É provavel pois que ella confie mais facilmente a outra mulher, o segredo de certas miserias e de certas dores intimas. Alem d'isso não é verdadeiramente uma tendencia feminina, a de consolar e guiar atravez da desgraça todos os que soffrem? É por estas idéas lhe parecerem justas, senhor presidente, que V. Exª. teve a gentileza de me dirigir palavras que eu muito agradeço; não serão ellas que causarão surpreza a quem conhece o presidente do tribunal de Château-Thierry, o seu espirito de equidade e os seus pensamentos generosos ».

A existencia de esta mulher, já hoje illustre, impõe-se como um exemplo de energia nada vulgar n'esta epocha em que a lucta pela vida prostra, muitas vezes, os mais audazes. Desprotegida, orphã aos 17 annos de um tabellião de Provins, tudo deve á sua iniciativa individual e á sua perseverança. Diplomada em Sciencias

e Letras, tendo portanto um largo campo para escolher a sua carreira, optou, com a intrepidez que a tem elevado, pela profissão mais trabalhosa, mais difficil e até então vedada ao esforço feminino. Estas qualidades, tão raras hoje, fazem-nos crér Jeanne Chauvin bem digna de interessar a curiosidade dos nossos leitores e da homenagem que hoje lhe prestamos.

Poetas Brasileiros

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURAO

SERVINDO o pensamento de dar á poesia brasileira o colorido dos aspectos da natureza americana, e os themas tradicionaes da epoca colonial em que se revelava uma aspiração de nacionalismo, apparece-nos ligado pela amisade e pelo mesmo enthusiasmo com o cantor do *Uraguay*, o idealisador do *Caramurú*, Frei José de Santa Rita Durão. Pertence a essa pleiade de Poetas da provincia de Minas, que apoiavam o seu sentimento esthetico no sonho de uma Patria brasileira. Nasceu na localidade de Cata-Preta, quatro leguas distante da cidade de Marianna e arraial de N. S. de Nazareth, diocese do Inficionado; foram seus paes, o Sargento-Mór, Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Garcez de Moraes. A data do seu nascimento pode hoje fixar-se entre 1718 e 1720, relacionada com sucessos decisivos da sua vida. Os primeiros annos foram passados no Rio de Janeiro, frequentando o Collegio dos Jesuitas; sendo ali admittido aos doze annos (1730) e terminando o curso passados seis annos (1736) temos para a vinda de Durão para Portugal, e seu noviciado na ordem dos Graciscanos, o intervallo que vae até á sua profissão, em 12 de outubro de 1738.

Innocencio achou esta data documentada, que obriga a considerar, que devendo entrar na maior edade para a ordem de Santo Agostinho, teria então, pelo menos, vinte annos, quando jurou a regra da reforma nas mãos do Prior Frei Francisco de Vasconcellos. Seu pae entregou á Ordem uma tença de 2:000 cruzados, para sustento do filho; sabe-se isto por uma carta intima do poeta ao bispo Cenaculo. No *Livro da Receita e Despeza da Graça*, de Lisboa, vêm os seguintes apontamentos:

«Gastou-se:

«Em pagar a tensa ao P.e Fr. José de S.ta Rita Durão, vencida em Novembro de 1746, e foi o *primeiro anno* em que começou a cobralla: quarenta e oito mil réis». (Fls. 38).

«Gastou-se em pagar ao Irmão Fr. José de Santa Rita Durão, a tensa do 1.º anno: quarenta e oito mil réis. (Fl. 51 v.)

«—Em pagar ao Irmão Frei José de Santa Rita Durão, quatorze mil e quatrocentos, á conta da sua tensa do 2.º anno. (Fl. 56 v.)

«—Em acabar de pagar ao Irmão Fr. José de Santa Rita Durão, do 2.º anno, trinta e tres mil e seiscentos réis, que juntos aos 14.400, a fl. 56, fazem os quarenta e oito mil réis. (Fl. 62 v.)

«Em pagar ao Irmão Substituto Fr. José de Santa Rita Durão, a tensa vencida em Novembro do 3.º anno, quarenta e oito mil réis». (Fl. 73 v.) [1]

Por estes apontamentos vê-se que Frei José de Santa Rita Durão, depois de ter seguido os estudos theologicos no convento de Lisboa, foi á custa da sua tença para o Collegio da Graça, de Coimbra, d'onde fez os exames e formatura na Universidade. Os Jesuitas tinham publicado em 1746, o seu celebre Edital, em que prohibiam no ensino a discussão das doutrinas de Descartes, Gassendi e Newton; as Ordens monasticas reagiam nos seus Collegios, proclamando a Philosophia moderna. Cenaculo falla de este movimento que em Coimbra antecedeu muitos annos a reforma pombalina.

Em um quadro dos estudos litterarios na Ordem Terceira de S. Francisco em Portugal, pelo Arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo, referindo-se á cultura da lingua hebraica, allude ás suas relações de intimidade com Frei José de Santa Rita Durão, em 1750:—«Mas no principio das tentativas (interesse pelas linguas orientaes) pareceu-nos unir as forças de Coimbra, fomentando-se, emquanto a lingua hebraica, a competencia reciproca entre mim e os doutores Frei Nicoláu Belem, e *Frei José de Santa Rita Durão*, eremitas de Santo Agostinho, pelos *annos de cincoenta*. Começamos o estudo pela Arte do P.e Quadros, e depois pela de Burxtorfio e seu Lexicon». [1]

Esta referencia importante, revela-nos a intimidade para a qual, vinte e tres annos depois, appellou Santa Rita Durão, foragido de Portugal. Como se vê pelo texto transcripto, era já doutor em 1750; isto se coaduna com o titulo de *Substituto*, juncto ao seu nome no Livro da Receita e Despeza da Graça; demais, Cenaculo, graduado em 26 de maio de 1749, e concorrendo á ostentação na Faculdade de Theologia (cadeira de Scotto) em 1751, dá a entender que era com o intuito do magisterio que os outros Doutores se empenhavam com elle no estudo da lingua hebraica. Na lista dos Oppositores de 1751, apparece-nos Fr. Nicolau de Belem, graduado em 25 de Maio de 1741. [2] Pereira da Silva (*Varões Illustres*, I, 301) diz-nos que se graduou em 24 de Dezembro de 1756, em Theologia, sendo mais plausivel pelo facto da *substituição* em 1746. O systema da longa opposição e o numero excessivo de oppositores ás cadeiras da Faculdade de Theologia, tornava-lhe muito tardia a entrada no magisterio. Em Coimbra se conservou entregue a estudos litterarios, segundo o costume lendo no seu Collegio da Graça cadeiras da Universidade, cuja frequencia para os alumnos internos era valida—para os exames e gráos officiaes. Cultivou a poesia, mas ficaram as suas composições ineditas; pertence a essa epoca, anterior á sua viagem a Italia, a Ode com a rubrica: *Defendendo Conclusões de Rhetorica um Menino de edade de sete annos;* [3] e uma Ecloga ao nascimento do Principe D. José. A estes ocios litterarios, pertence o poemeto em latim macarronico, em setenta e seis exametros, intitulado, *Descripção da Funcção do Emperador de Eiras, que se costuma fazer todos os annos em o Mosteiro de Cellas, junto a Coimbra, dia do Espirito Santo, em verso macarronico pelo R.mo P. Mestre Frei José de Santa Rita Duram.* [4] É curiosissima esta festividade tradicional, comparada com o costume ainda vivissimo no archipelago dos Açores, denominado *Imperios de Espirito Santo*, [5]

A vida de remanso que Durão passava, ia perturbar-se na convulsão e reacção das luctas pombalinas. Tendo de prégar na Sé de Leiria o sermão de acção de graças por el-rei D. José ter escapado dos tiros da emboscada de 3 de setembro de 1758, foi mui longe a fama da sua eloquencia, e portanto a animadversão da parte dos sectarios da Companhia de Jesus, á qual se começava a imputar a tentativa ou plano do regicidio. O bispo de Leiria, D. João Cosme da Cunha, para lisongear o terrivel ministro, publicou em 1762 uma violenta Pastoral contra os Jesuitas expulsos. Não faltou quem dissesse que Santa Rita Durão se inculcava como auctor da Pastoral, o que feriu profundamente a vaidade do bispo, que transferiu para Evora o frade graciano. O Provincial da Ordem de Santo Agostinho, era Frei Carlos da Cunha, irmão do bispo, e não deixou de pezar n'esta vingança. E como o bispo fosse, em premio da Pastoral, nomeado arcebispo de Evora, entendeu Frei José de Santa Rita Durão fugir ao seu rancor saindo de Portugal. Era o fito da sua viagem ir por Hespanha a Roma; pensamento que de longe o seduzia. Mas estavam então em hostilidade Portugal e Hespanha, na chamada *Guerra Velha*, por causa do Pacto de Familia; o frade poeta foi considerado suspeito, e como espião encarcerado no Castello de Segovia. Na carta a Cenaculo, precisa o facto:

«As minhas desgraças me levaram inconsideradamente a Cidade Rodrigo no anno de 1762, a 6 de Janeiro; ahi me detive sempre na obdiencia religiosa até romper-se a guerra».

Depois de ter sido assignado o tratado de paz, em Paris, em 10 de fevereiro de 1763, é que lhe restituiram a liberdade, dirigindo-se, segundo o seu primeiro intento, para Roma. Ahi, na cidade eterna, conviveu em intima familiaridade com o seu patricio e amigo, José Bazilio da Gama, no convivio dos mais cultos espi-

1 Torre do Tombo, B-46-3.

1 Ms. reproduzido no *Panorama*, vol. VIII, pag. 179.
2 *Historia da Universidade*, tomo III, p. 225, n. 59.
3 Ms. x. 5, 50 (Caixa) Bibl. Nacional.
4 Ms. da Bibl. da Universidade; alguns excerptos publicados no *Portugal Pittoresco*, t. I, p. 158 a 161.
5 Cantos populares do archipelago açoriano, pg. 392 a 394.

ritos italianos, taes como Alfieri, Pindemante, Cesarotti, Soave, Casti, Parini, Verri, Becaria e Filangieri. Por influencia do Cardeal Justiniani, em 1764, conseguiu secularisar-se, ficando como clerigo sujeito á auctoridade episcopal. Como meio de subsistencia, tendo-lhe cessado a tença que seu pae lhe estabelecera na Ordem Augustiniana, d'onde saira, alcançou o ser bibliothecario da livraria publica Lancisiana, em que se occupou nove annos; tomava parte em varios Congressos e Academias. Chegou-lhe em 1772 a noticia da reforma e nova fundação da Universidade de Coimbra pelo Marquez de Pombal; e que o seu patricio e contemporaneo nos estudos, D. Francisco de Lemos, estava nomeado Reitor-Reformador da Universidade. Durão pensou em regressar a Portugal e concorrer ás vagas existentes na Faculdade de Theologia, em consequencia das jubilações forçadas dos antigos lentes.

(Continúa). THEOPHILO BRAGA.

José Maria da Silva Paranhos

Visconde do Rio Branco

EM 16 de março de 1819, nascia na cidade da Bahia um dos homens que mais illustraram a historia brasileira no seculo passado. Seus paes, Agostinho da Silva Paranhos e D. Josepha Emerenciana Barreiros, tendo ficado em desfavoravel situação de fortuna, confiaram-o a seu tio materno, o coronel de engenharia, Eusebio Gomes Barreiros, que paternalmente dirigiu a sua educação. Concluido, na Bahia, o curso preparatorio, José Maria da Silva Paranhos partiu em 1835 para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escóla de Marinha, passando depois, com o posto de guarda-marinha, para a Escóla Militar, na qual conquistou com raro brilho o diploma da sua formatura em engenharia. Em 1844, sendo segundo-tenente, foi nomeado lente substituto da Escóla de Marinha; no anno immediato, transferido, com egual categoria, para a Escóla Militar; e em 1848, elevado afinal a lente cathedratico. Simultaneamente, o seu talento affirmava-se no jornalismo, com singular pujança; no *Novo Tempo*, no *Correio Mercantil* e no *Jornal do Commercio*, a sua penna colheu, entre 1844 e 1851, uma basta messe de triumphos.

Já com uma invejavel reputação de intelligencia e saber, José Maria da Silva Paranhos entrou emfim definitivamente na vida politica do seu paiz secretariando o conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão, mais tarde marquez de Paraná, quando este illustre brasileiro foi ao Rio da Prata, em missão diplomatica, depois da brilhante campanha que libertou Montevidéo do famigerado assedio de Oribe e a Republica Argentina do jugo ominoso do dictador Juan Manuel Rosas.

Mais tarde, em 3 de setembro de 1853, quando o mesmo diplomata constituiu ministerio, inaugurando a politica de *conciliação*, Paranhos, cujos meritos já eram justamente apreciados, foi chamado para gerir a pasta da marinha, sendo pouco depois transferido, pelas suas aptidões especiaes, para a dos negocios estrangeiros. A superioridade da sua gerencia ficou de tal modo assignalada que alguns annos depois, em 1858, na formação de um outro ministerio presidido pelo visconde de Abaeté, de novo era solicitado para superintender nos delicados negocios de aquella pasta. Reconhecido o seu talento e as suas raras aptidões de homem publico, os seus serviços começaram a ser reclamados com a mais honrosa e justificada insistencia; e em 1 de março de 1861, o marquez de Caxias, constituindo ministerio, confiou-lhe a pasta da Fazenda que então, como agora, era a mais importante pelas responsabilidades inherentes á sua administração.

Como deputado, representou o Rio de Janeiro e Sergipe, como senador, a provincia de Matto Grosso: e n'uma e n'outra camara, Paranhos, com a sua palavra eloquente e energica, foi sempre um dos mais valiosos ornamentos.

Encarregado, em 1864, de uma missão diplomatica na Republica de Uruguay, estabeleceu as bases do convenio de 20 de fevereiro de 1865, que pôz termo á lucta de aquelle estado com o Brasil, cujo exercito, tendo tomado Paysandú, situava já a cidade de Montevidéo. O seu talento, a sua rara habilidade diplomatica, o resultado feliz de todas as suas tentativas, crearam-lhe inimigos na turba dos invejosos impotentes, e o ministerio Furtado, tendo approvado o convenio, retribuiu-lhe esse importantissimo serviço, demittindo-o das funcções diplomaticas que lhe haviam sido confiadas. Esta injustiça feriu profundamente o animo de Paranhos, e o discurso que elle proferiu em sua defeza no Senado, é um dos mais brilhantes documentos que registam os annaes do Parlamento brasileiro.

Patriota sincero, comtudo, a ingratidão de alguns homens não foi bastante para o desviar do serviço da patria; e em 16 de julho de 1868, aceitou a pedido do visconde de Itaborahy, encarregado de organisar ministerio, a gerencia da pasta dos negocios estrangeiros. Algum tempo depois, certas difficuldades internacionaes exigiram a presença de um medianeiro talentoso e habil no Rio da Prata e Paraguay, e Paranhos foi, por sua provada competencia, escolhido para desempenhar essa difficil missão. O que os seus esforços conseguiram, todos o sabem; e o governo, d'esta vez, soube comprehender o valor dos serviços prestados pelo eminente diplomata, pois lhe concedeu, em premio de elles, o titulo de Visconde do Rio Branco.

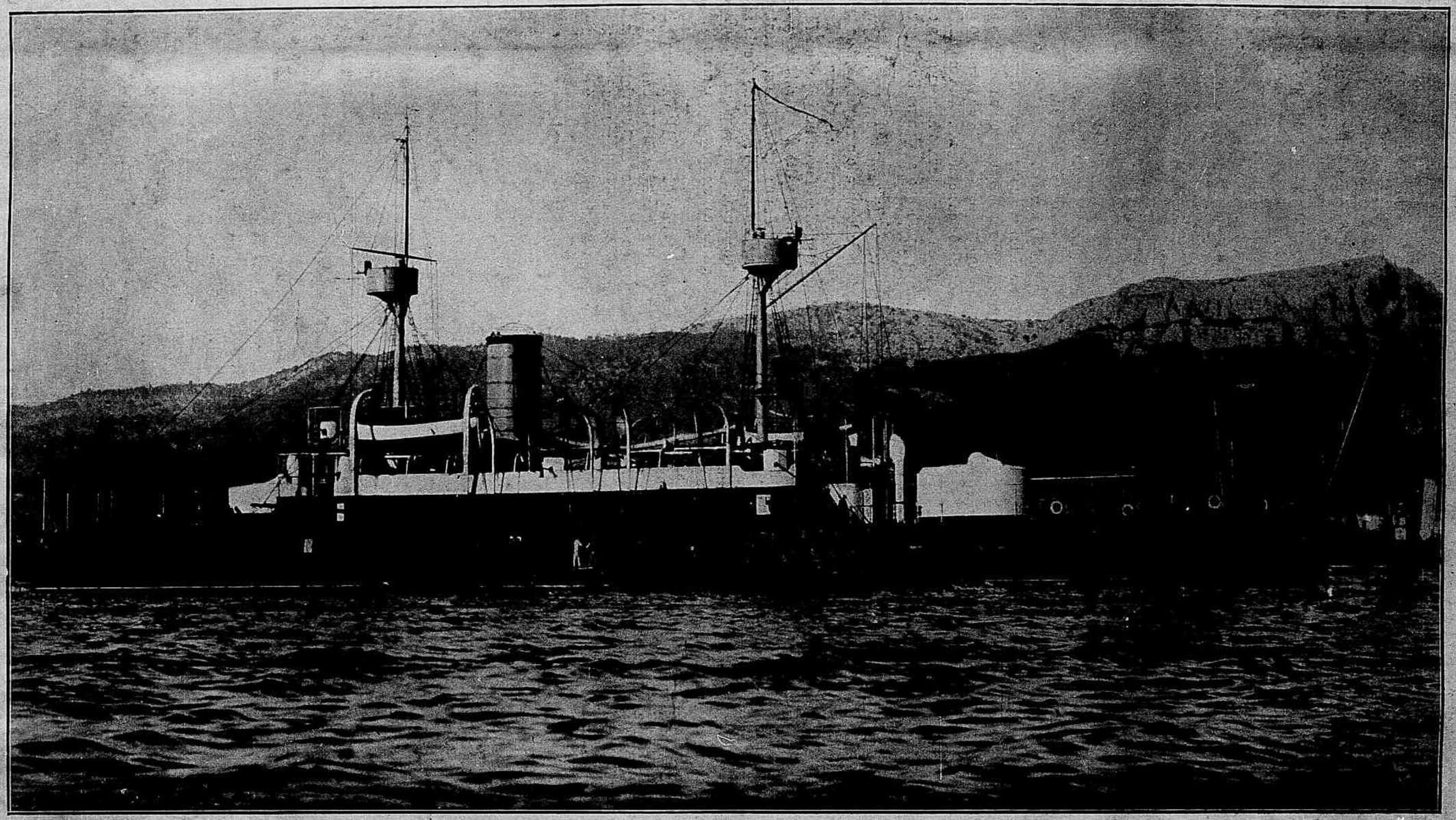
Como estadista, a sua politica energica e justa, norteada já por amplos ideaes modernos, deixou no Brasil inapagaveis vestigios. A elle se deve a lei de 28 de setembro de 1871, que declarou livres os filhos das escravas. Esta medida que por si só constitue um titulo de gloria para o homem que a concebeu e realisou, foi o primeiro passo que se deu no Brasil para a abolição da escravatura.

Fallecido no Rio de Janeiro em 1 de novembro de 1880, o seu nome é ainda hoje lembrado e respeitado por todos os brasileiros. A lista dos seus serviços não é o vasio e apparatoso relatorio que alguns homens publicos fazem urdir por habilidosas mãos mercenarias; é toda a obra valiosa e civilisadora de um homem que deu ao seu paiz, todos os esforços de sua vontade, do seu talento e do seu saber. A historia do Brasil no seculo XIX, joeirada escrupulosamente, conservará com amor a memoria de este estadista, collocando-o entre os maiores e os mais benemeritos dos seus concidadãos.

Comtudo, ainda que a ingratidão nacional pisasse sem reparo e sem respeito a sua sepultura, o Visconde do Rio Branco não seria esquecido, porque além dos seus serviços, deixou um filho que está lembrando a todos os brasileiros as gloriosas tradições de que é successor e a obra patriotica de que é continuador.

O Barão do Rio-Branco

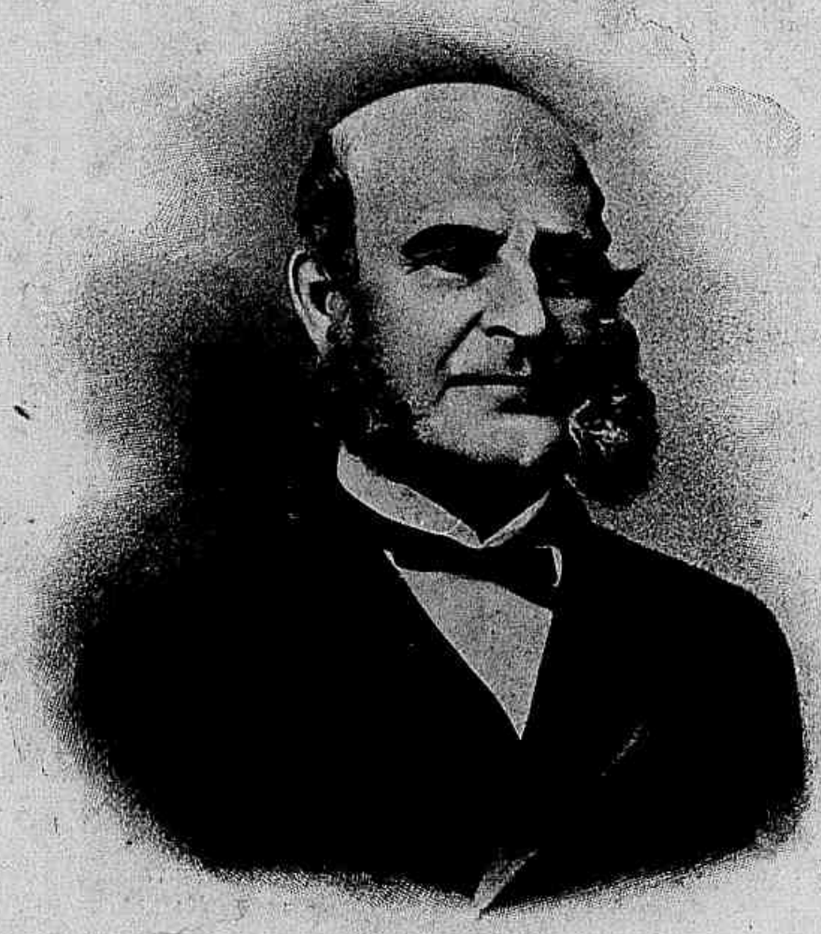
UMA grande vida é sempre animada por uma grande paixão generosa, e d'entre todas as nobres paixões a que cria os heroes nacionaes é a religião da Patria. A vida do primeiro Rio-Branco, no jornalismo, em missões diplomaticas, nos conselhos do Governo, não póde separar-se da nossa historia politica e social, da vida publica brasileira. E todos nós sabemos, e os que não sabem conjecturam, o que lhe devemos. A do segundo, começada, sob a influencia paterna, na imprensa e no parlamento, logo se isolou dos distractivos, absorventes cuidados da polemica diaria, da guerrilha dos partidos, para a solidão salutar em terra extranha. Salutar para quem, como elle, tem sempre o pensamento na Patria. N'essa segunda phase da preparação para as grandes obras o publico o perdeu de vista. Não assim os amigos, que tudo esperavam do seu valor quando viesse o momento. E o momento veiu, e a vida do segundo Rio-Branco, como a do primeiro, incorporou-se á existencia nacional e passou a ser para nós um orgulho e um exemplo. Na dynamica social a perseverança do esforço é uma garantia do resultado. Mas para



MARINHA BRASILEIRA. — O couraçado « FLORIANO ».

perseverar é preciso crêr, e só no coração se alimenta a fé, a paixão patriotica.

Parece que desde as humanidades, com o primeiro curso de Historia Patria, começou a attrahil-o, mais do que os outros estudos abstractos ou de disciplina, o conhecimento do passado e do presente na geographia e na historia nacionaes, e, como consequencia, familiar com o theatro politico e com os seus actores, interessado pelas questões em jogo, achou-se desde a Escola de Direito lançado na polemica partidaria, discutindo, pleiteando eleições, pondo ao serviço das pessoas que representavam programmas o mesmo ardor que mais tarde o animou nas campanhas em que as pessoas desapparecem perante a communidade. Foi elle que um orador escolar, n'um effeito rhetorico de eloquencia barata, representou, um dia de



VISCONDE DO RIO-BRANCO
DEPUTADO, SENADOR, MINISTRO, DIPLOMATA, CONSELHEIRO DE ESTADO, LIBERTADOR DO VENTRE ESCRAVO NO BRASIL.

mudança politica, « como Mario nas ruinas de Carthago, chorando sobre os destroços de um grande partido ».

Não é provavel que o joven conservador litteralmente chorasse a quéda do seu partido : que se affligisse, que se indignasse, que lançasse culpas e attribuisse responsabilidades, que tirasse ensinamentos da momentanea descida do poder, é quasi certo. Muitos annos depois, quando já se não poderia dizer que a sua politica fosse um dos tantos jogos em que se exercita a ardente mocidade, o Barão do Rio-Branco continuou a ser um homem de convicções, de principios; sempre foi sincero, sempre tomou partido, e, quando já a sua posição de funccionario publico lhe não consentia intervir pessoalmente, nunca ficou indifferente perante as grandes questões nacionaes.

Sem duvida para as poder discutir avisadamente — a honestidade de espirito sendo o começo da sabedoria — para conhecer os elementos moraes e physicos que influem para a sua solução, proseguiu elle no estudo, começado desde o collegio Pedro II, da Historia e Geographia do Brazil e sciencias correlativas. Assim Taine, emprehendendo as « Origens da França Contemporanea » para saber votar nas eleições parlamentares. Uma traducção da « Historia da Guerra da Triplice Alliança » por Schneider serviu-lhe de registro para notas innumeraveis e preciosas sobre a nossa grande guerra exterior. Ao mesmo tempo trabalhava para a Historia Militar do Brasil, que seria a sua obra capital, se não reclamassem d'elle serviços mais urgentes, se pela força das circumstancias o historiador se não transformasse em diplomata.

Foi colleccionando materiaes para essa obra em que a força da nossa nacionalidade se affirmaria pelo valor militar, por traços de caracter civico e de heroismo patriotico, foi trabalhando na construcção d'esse monumento do prestigioso passado, que o Barão do Rio-Branco adquiriu a extraordinaria erudição que o põe a par, e a certos

BARÃO DO RIO-BRANCO
ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO BRASIL EM BERLIM.

respeitos acima, dos maiores americanistas. Porque a sciencia da Historia não especialisa o seu cultor. Ao contrario, o perigo, para quem a ella se abalança, está em dispersar-se o espirito por toda a espraiada e vastissima paizagem do mundo que nos interessa, pelo estudo, infinito na sua variedade, do material physico e dos elementos sociaes. das suas relações e dos seus movimentos e variações, do que a resumida terminologia scientifica chama a estatica e a dynamica sociaes. Para não deixar-se attrahir o estudante de Historia pelo encanto digressivo das sciencias lateraes, é necessario um proposito mais firme do que a simples tenção de escrever um livro, é preciso que esse livro seja uma obra de fé, um acto de devoção ao mais forte dos poderes moraes, que é o amor da Patria.

O livro do Barão do Rio-Branco não está feito, está apenas preparado. Mas entre a preparação e a execução nenhum trabalho dispersivo deixa suppôr que a sua primitiva tenção tenha sido desvirtuada. Da sua penna não tem sahido senão escriptos sobre o Brasil, pelo Brasil. Quer a

legenda religiosa que um bom musulmano não veja sem veneração um livro ou fragmento de texto, embora em lingua desconhecida, porque ahi póde vir o nome de Deus. Os livros do Barão do Rio-Branco serão mais seguramente veneraveis para os Brasileiros, porque só do Brasil n'elles se trata. E com que amor! Quem os estuda só descobre o sabio depois de n'elles ter visto o Brasileiro. Disse-lhe um dia um amigo que nas questões internacionaes elle era o nosso advogado por excellencia, porquanto a sua patriotica má-fé sempre lhe faz vêr a causa contrária mais fraca, desajudada do Direito, do precario Direito. E essa parcialidade respeitavel — o fundo do amor-proprio nacionalista é feito de piedade filial — áparte a justiça das causas que tem defendido, dá-lhe certamente mais força para a destruição das asserções contrárias. Assim na legenda heroica o homem que se não orgulhava de não ter medo, porque sempre lhe pareciam fracos e faceis de vencer os inimigos que se lhe oppunham.

A comparação da cega coragem heroica com a consciente e raciocinada segurança moral do Barão do Rio-Branco soffre, porém, a modificação da parte de incerteza que é preciso attribuir ao juizo dos homens e que a experiencia do mundo e os longos estudos lhe ensinaram. Os que de perto assistiram, em Washington, em Paris e em Berne, á cuidadosa preparação e á laboriosa redacção das memorias defensivas dos direitos do Brasil puderam admirar o homem em plena actividade, embriagado pelo assumpto, devorado pela febre do trabalho e tão absorto na sua obra que os mezes passados sem sahir de casa lhe pareciam dias, e as breves horas de repouso, tempo perdido para a urgente faina. Mas vinham depois os tempos da enervação, com os longos mezes da espectativa anciosa, quando, exgottados os prazos e entregues ao arbitro os seus argumentos, o advogado diplomata criticava a obra feita e duvidava dos seus resultados : talvez um ponto essencial — e qual o ponto que não fosse essencial para quem em todos via o encadeiamento da prova? — Talvez um ponto capital não tivesse ficado bem claro e assignalado; talvez o juiz fosse menos sensivel ás evidencias geographicas do que ás obscuridades implicitas nas controversias juridicas e d'ahi tirasse fundamento para uma solução favoravel á outra parte; talvez a questão não fosse bem examinada, a multiplicidade das occupações do arbitro não lhe dando tempo para estudal-a convenientemente, para verificar a fraqueza da prova contra nós... No caso com a França, especialmente, a pluralidade dos juizes, o perigo das considerações de ordem politica que podiam influir sobre a sentença, a possibilidade, ainda que remota, de uma solução intermedia da questão, eram motivo sufficiente para cuidados e apprehensões. Para remediar taes incertezas, voltava ao estudo da questão e, sempre prompto para fornecer esclarecimentos supplementares, rebuscava nos dezesete ponderosos volumes da argumentação das duas Partes, a convicção tirada das provas materiaes do nosso direito. De sorte que o tempo de espera ainda não foi tempo de repouso.

O repouso só veiu depois da segunda estrondosa victoria, que até certo ponto, para elle pessoalmente, foi uma consagração da primeira. Uma das fraquezas do espirito humano consiste em não considerar o poder sem a acção, em não julgar o autor independente da obra, em carecer de vêr repetido o esforço para attentar n'elle e apreial-o. O Barão do Rio-Branco forçou a attenção e a consideração publicas, ganhando a questão de Oyapoc seis annos depois de vencer o pleito com a Argentina. Livre agora da estreita prisão dos prazos arbitraes, elle torna ao trabalho, oito annos interrompido por essas gloriosas empreitadas, com renovado ardor e confiança. Poucos têm sentido, como elle, o bafejo carinhoso da gratidão nacional, a volta generosa e sem reserva do amor da Patria respondendo ao seu. Se só essa segurança lhe faltava, eil-o agora completo e grande homem.

DOMICIO DA GAMA.

Londres, 1901.

PAULA

I

Quando o José Moitas, feitor da quinta de Silvães, regressava, meditativo, da feira de Braga, o senhor Simões, mercieiro e director do correio, que sorvia deliciadamente, á porta do seu estabelecimento vasio, o leve frescor d'aquelle fim de tarde estival, teve um aceno impaciente:

—Oh amigo Moitas, faz favor?...

O outro veio logo:

—Então que ha? Carta?

—Sim, uma carta,—fez o mercieiro.

Voltou-se para dentro, e espremendo ostentosamente as palavras, como se fallasse do alto de uma tribuna, ordenou a um rapazote gordo e sujo, que esperava os freguezes, em mangas de camisa, atraz do balcão:

— Deixa vêr d'ahi, uma carta que veio hoje para o senhor José Maria Moitas.

Emquanto o caixeiro revolvia a gaveta do correio, o senhor Simões, em frente do feitor, explicava, em voz preguiçosa, o calor do dia, lamentando-se da ferroada de uma vespa que lhe despertára violentamente a sésta iniciada perto da barrica do assucar. Mostrou o inchaço, na testa.

—Dez-réis em cima, amigo Simões! Não ha nada melhor; é idêa abençoada!

—Sim, appliquei...—disse o outro, sempre ostentoso.—Não foi dez-réis, foi um vintem, por signal; mas veja o senhor José Moitas que nada fez. Ha quem diga que os patacos antigos tinham mais virtude para isto... Se me lembrasse tal, tinha ficado com algum; mesmo talvez ficasse com dous, para ás vezes favorecer um amigo.

Mas o caixeiro estendia a carta reclamada. O Moitas examinou-a.

—É de lá de casa?—perguntou o mercieiro.

—E. A letra é do padre Salles, do capellão. É elle sempre que escreve.

—Decerto, é que as senhoras não tardam...

—Decerto.

—Pois se vêm agora, acertam. Bello tempo! Ainda hontem o senhor doutor Rosas aqui disse que estes dias assim eram a gloria do nosso clima... Eu, a fallar a verdade, não entendi bem; mas acho que Portugal, antes de se chamar assim, tinha o nome de clima... Diz que no tempo dos romanos. Vossemecê nunca leu isto lá nos livros, senhor Moitas?

—Quer que lhe diga, não tenho grande idêa... Mas a coisa, se não é isso, anda por perto. Clima?... Não será elle coisa de musica? O doutor Rosas nunca deixa a rebeca...

—Nada! Aquillo são coisas que elle aprendeu em Coimbra.

—Pode ser, pode... Pois se não manda nada, vou-me indo até casa. Quero vêr se leio a carta antes de me deitar. Bôa noite!

—Bôa noite.

O feitor já se distanciava, quando o mercieiro, de repente, teve uma voz precipitada:

—Oh! amigo Moitas, olhe lá: o senhor Ruysinho virá por cá este anno?

—O do Carrascal?... Diz, que já veio.

—Então sempre é certo as senhoras virem breve... Elle que veio, é porque a senhora D. Paula não tarda... Quando será o casamento?

—Casamento? Aquillo não vae assim! Que eu, não sei nada;

isto é fallar... Acho que a menina não se resolve. A mãe, a senhora D. Gabriella, gostava, eu sei que gostava; mas quando se falla n'isso, a menina responde sempre que tem tempo, que é muito nova...

—Ha-de andar nos 22 annos...

—Vinte, vinte; fel-os no mez do S. João.

—Está novinha, está; mas ha quem tenha casado mais cedo.

—Pois ha. Ella, lá pela idade, não espera.

Emmudeceu um instante, a assoar-se, e depois accentuou:

—Quer que lhe diga, amigo Simões?... Cá p'ra mim, aquillo de ser nova, é léria e só léria. O que é, é que ella não gosta do primo. Se fosse outro que lhe tocasse o interior do peito, queria vêr se ella dizia que era nova!... Que isto, é fallar; eu não sei nada.

—Mas elle, diz, que anda pelo beiço...

—Homem, eu não sei!... Mas pelo que tenho ouvido, o senhor Ruysinho não é homem de paixões. E, quer que lhe diga, amigo Simões?... nem por isso engraço muito com os geitos d'elle... Parece aluado, ás vezes... E então, um modo de olhar p'ra a gente, todo soberbo, nem que o mundo fosse só feito p'ra elle!

—Isso é da casta. Já o pae era o mesmo.

—Pois que lhes faça bom proveito!

Assoou-se outra vez, mascou uma praga contra a constipação que o defluxava, e estendendo a mão ao mercieiro:

—Amigo Simões, sem mais... Vou-me embora, quero vèr se leio a carta antes de me deitar. Não seja caso que as senhoras appareçam por ahi ámanhã... Que a senhora D. Gabriella, ás vezes, tem d'isso; de um dia p'ra o outro, é capaz de se decidir, e pôr-se em marcha por essas europas fóra!

—Mulher de armas, isso é verdade.

—Foi tempo!... Mas ainda agora é mais resolvida do que a filha. Bom. Passe bem a noite, amigo Simões.

—Ás ordens, senhor Moitas. Para o que precisar, é mandar, bem sabe.

A quinta de Silvães era um antigo dominio senhorial que revezes de fortuna e de politica, tinham modificado e fragmentado durante os dous ultimos seculos, reduzindo-a a uma simples propriedade rustica—bastante vasta, ainda assim, para ser considerada, por argentarios tentadiços, como «um condado».

A casa, construcção pittoresca e incaracteristica, tinha esse aspecto conventual em que a architetura avoenga do Minho, deixou um enternecido documento da sua fé:—grande, de um só andar, janellas pequenas e espaçadas, com decorações de grosso granito. Abraçava-a um paredão espesso, dentado de ameias e rasgado, ao centro por um grande portal, cuja padieira, confusamente arabescada, sustentava um enorme brazão de granito, onde os dois lobos heraldicos dos Osorios se destacavam orgulhosamente. Este paredão formava, em frente da casa, um grande pateo lageado, onde pousava a larga escadaria de pedra que subia exteriormente até á porta central do andar nobre, flanqueada, com incoherente luxo architectonico, por duas sereias, cujo desnudamento profano era virginisado pela mystica attitude das duas mãos cruzadas sobre o peito. As paredes lateraes d'este pateo, eram formadas por dous braços de edificio, onde a semelhança das linhas ornamentaes, limitadas a uma rudimentar decoração de symbolos religiosos, trahia um inquieto e minucioso estudo. O pavilhão da direita, era a capella morgada; o outro, dividido em dous vastos compartimentos, servia simultaneamente de cocheira e de cavallariça.

Esta curiosa symetria, (que o doutor Rosas, velho magistrado sem exercicio, não podia vêr sem indignação) datava de 1765, e era obra do oitavo morgado de Silvães, Gonçalo Osorio, um dos fidalgos mais excentricos d'aquella raça, de quem, ainda agora, volvido um seculo sobre a sua morte, se contava aventuras e prodigios de força muscular, que elle frequentemente empregava em deslombrar os foreiros remissos e em apostas brutaes de que sahia sempre victorioso, esmigalhando pedregulhos com o punho fechado ou erguendo dois palmos acima do eixo, um carro com o peso de uma pipa bem cheia.

Já n'esse tempo a residencia dos senhores de Silvães era aquelle mesmo casarão triste e conventual, sómente com a decoração bellica de uma torre que, n'uma noite de trovoada, um raio tinha desmoronado sobre o extremo-sul da casa, misturando na mesma ruina o celleiro e a antiga capella onde estava guardada a maior parte das sumptuosidades hereditarias da familia.

Esta catastrophe, succedida durante a vida de Gonçalo Osorio, penalisou e arrancou vehementes pragas á colera violenta do morgado. O capellão foi chamado, para declarar se aquillo era castigo sobrenatural, e como tergiversasse, entre attonitos latins, dizendo que, como o raio era fogo, *ergo* o castigo era igneo—*ignis, ignis*—o morgado, desesperado, bradou-lhe que se retirasse da sua vista, se não queria experimentar a materia ignea e sobrenatural que a sua colera gerava nos seus movimentos.

Afinal, acalmada a excitação dos primeiros dias, Gonçalo começou a consagrar as suas vigilias á concepção da grande obra reedificadora. Consumiu manhãs inteiras, riscando sobre o terreiro que defrontava com a casa, emmaranhados planos de alicerce, com um velho estoque heroico e inactivo, e ao fim de um mez declarou ao capellão que «tinha idêa»!

—Idêa fina, padre Lamurias!

As obras começaram logo. A idêa do morgado era reedificar o celeiro, murar o terreiro, e rematar os angulos do muro arreganhado de ameias, com dous pavilhões: um para a nova capella morgada, outro para cocheira e cavallariça. O plano estava concebido: os pavilhões seriam ambos em fórma de capella, com a sua porta para a rua, ladeada de frestas gradeadas e talvez com uma pequena rosacea decorativa. Uma só duvida affligia o morgado; era o adorno architetonico que havia de collocar no frontal do pavilhão-cocheira, para fazer symetria com a cruz potentea que a capella, em tal sitio, reclamava. O capellão, consultado, lembrou uma ferradura de granito, mas o fidalgo observou-lhe que de ferradura precisava quem tinha taes idéas, e a difficuldade ficou muito tempo por decidir.

Já tudo estava prompto, e ainda o problema permanecia insoluvel; por fim, o morgado tanto meditou que venceu maravilhosamente o obstaculo, mandando collocar sobre a cavallariça; uma cruz egual á que encimava a capella.

A irreverencia sublevou toda a freguezia; mas Gonçalo Osorio não era homem que fizesse obra, sem antes lhe discutir, comsigo mesmo, como Pangloss, as causas e os effeitos. E quando um primo vizinho se lhe apresentou como interprete do catholicismo aggravado, teve uma explicação genial:

—Diga a essa gentalha, primo e senhor, que em coisas de religião ninguem me dá leis. A cruz, na cavallariça, está muito bem posta; digo-lhe mais: é religioso!

—Religioso?!...—fez o outro, attonito.

—Sim, senhor: religioso! Se não, diga-me cá: onde nasceu o Salvador?

—Em Belem, toda a gente sabe.

—Tambem eu sei, que lá em coisas de religião, ninguem me dá leis. Diz muito bem; nasceu em Belem. Mas sabe qual foi o berço d'elle?... Foi uma mangedoura!

—Ui!...

—Leia as Escripturas, ou peça ao padre Lamurias que lh'as leia!... N'uma mangedoura, sem tirar nem pôr! Ora eu, como as minhas cavallariças têm mangedouras, e ricas mangedouras, cuido que não ha nada mais religioso do que pôr-lhe uma cruz em cima, em memoria d'essa passagem da vida de Nosso Senhor, que, segundo diz cá o frei Lamurias, é coisa de muita sabedoria.

—Sim, senhor; rica lembrança!—volveu o outro, edificado.

—E para que saiba. Cá em coisas de religião, ninguem me dá leis!

E depois d'esta lucida explicação, que as gerações populares da aldeia ficaram celebrando atravez dos annos, ninguem deixou de venerar, quasi tanto como os seus musculos, o robusto engenho do oitavo morgado de Silvães.

(Continúa.)

D. João de Castro.

Uma nação só vive porque pensa. A Força e a Riqueza não bastam para provar que uma nação vive de uma vida que mereça ser glorificada pela Historia,—como rijos musculos n'um corpo e ouro farto n'uma bolsa não bastam para que um homem honre em si a Humanidade.

Eça de Queiroz.

Correio da Moda

Com que humildade, ao principiar este artigo, que é o primeiro de uma longa serie, eu venho, queridas leitoras, implorar a vossa indulgencia!

Fazer uma chronica para um paiz tão distante, não é cousa facil, devo confessal-o; comtudo espero que a minha boa-vontade fará o milagre de prender a vossa attenção a estas linhas, durante alguns momentos, e de conquistar um sorriso dos vossos vermelhos labios, ironico mesmo, pouco importa.

A estação parisiense está agora na sua mais completa florescencia; a profusão das festas, dos jantares e dos bailes é tal que não sabemos para que lado nos devemos voltar. Os convites chovem, e se os aceitamos todos os dias despertamos com um novo prazer diante de nós.

Mas será tudo isto realmente um prazer?...—E as grandes preoccupações de toilette? E os esforços de imaginação que são necessarios para combinar os effeitos de essas toilettes, para que fiquem bem, para que impressionem os outros, para que garantam á senhora de bom gosto o direito de ser a mais notada—se não a mais bella?...

Ah! mas que importancia têm estas difficuldades para a coquetteria feminina?... Oh, a coquetteria! É necessario contar com ella, porque do contrario não valeria a pena incommodarmo-nos nem fatigarmo-nos em esforços que nos entregam sem coragem á vertigem de todas estas encantadoras tentações.

Tanto mais que a grande epocha já começou! Auteuil, que se tornou, nos ultimos annos, o mais preferido hypodrommo de Paris, e que é um local de reunião tanto ou mais concorrido que o *Grand-Prix* (que tambem começa a ser invadido)—Auteuil, nos ultimos tempos, tem prodigalisado as maiores maravilhas da moda,—quasi tanto como no dia 14 de junho, ante-vespera do *Grand-Prix*, que é o dia em que a Paris elegante se veste com excepcional primor. Nada pode dar idêa do surprehendente aspecto de esta festa, para a qual a grande cidade reservava as suas mais impressionadoras elegancias. Lá se via, brilhando ao claro sol, o *linon* triumphante, o *foulard* sempre favorecido, o taffetá, o crepe da China, as applicações de *cretonne* bordada,—e, mais do que nunca, incrustações de rendas de seda ou de linho, lentejoulas, bordados de flores e plumas.

As longas gravatas, a que os francezes chamam *tour-de-cou*, especie de *boas* em tulle, em mousselina ou em gaze, com um debrum franzido, estão no rigor da moda e dão ás damas uma superior e elegante distincção. N'este genero, a phantasia feminina tem plena liberdade, pois é illimitado o numero das creações similares.

Esquecia-me porém dizer-lhes que a revolução mais sensivel da estação, é a que diz respeito aos decotes, que se usam agora muito reduzidos. O grande decote está temporariamente abolido. Virá outra vez no inverno, certamente; mas no momento actual apenas se descobre o pescoço guarnecido com um fio de perolas ou com bonitas joias.

As joias! como se pôde renunciar, até hoje, a estes preciosos attributos da belleza feminina?... Graças a Deus, que acaba essa deploravel renuncia! Certo é que quando uma nova moda apparece, a velha é logo olhada com desprezo, quasi com horror; e não é raro olhar-se um velho modelo e exclamar-se: «—Mas como se pôde gostar d'isto?...» No caso presente, todavia, não é esse vicioso habito que nos faz lamentar a abstenção das joias, decretada pela extincta moda; é a justa satisfação de vêr em fim restabelecido um adorno que tanto realce dá ás toilettes femininas.

Algumas linhas sobre os guarda-soes:—Todos elles são de lindas sedas brancas, floridas de rosas, violetas, azaleas, etc., tudo artisticamente disposto, como se fosse pintado á mão. Os cabos, de madeira natural ou terminando por uma bola de metal cravejada de pedras preciosas.

Para terminar, duas palavras sobre a disposição dos cabellos. O penteado baixo continua a fazer progressos; não o penteado em bandós chatos, que ha tempos se usou,—mas ao contrario, de cabellos levantados em largos tufos, muito ondulados, apartados indifferentemente no meio da cabeça ou ao lado, e torcidos e enrolados na nuca. Este penteado é susceptivel de embellezar-se com ramilhetes de flores collocados ao lado da cabeça; ha mesmo quem os use muito adiante, presos aos bandós, genero «princeza longiqua». A inauguração de este novo penteado deve-se ás senhoras novas; as outras, recciando a mudança, hesitam ainda.

Baroneza de Mayerville.

EXPLICAÇÃO DAS GRAVURAS

Estampa Primeira (pag. 16)

N.º 1—Vestido de voile branco-marfim. O corpete, em forma de bluza, é de mousselina de seda com grandes pintas bordadas e adornado por uma applicação de renda de Irlanda que sae de baixo do cabeção. Saia guarnecida com a mesma renda da applicação e cinto de velludo verde.

N.º 2—Vestido de passeio, em lã de quadrados, côr de castanha; o collete, trespassado sobre o peito, é de camurça, assim como os debruns; o cinto e as extremidades das mangas em velludo um pouco mais escuro do que o vestido.

N.º 3—Vestido de panno assetinado, genero princeza, com o bolero aberto sobre uma antiga renda de linho; alamar de velludo preto collocado obliquamente; saia e bolero guarnecidos de branco e as mangas terminando em tufos de gaze.

Estampa Segunda (pag. 17)

N.º 1—Vestido para visita, de tecido leve. O corpo, em forma de bolero, abre-se sobre um collete de seda clara bordada. A parte superior do bolero é formada por tres folhos sobrepostos, e a extremidade das mangas guarnecida por um folho de mousselina de seda muito fina. Saia justa, com uma costura na frente, e cinto de velludo preto.

N.º 2—Vestido de theatro, em *linon* claro, formato princeza. O corpo, empregado, é ornado de quatro crescentes de renda de linho e de duas tiras de velludo preto que, partindo dos lados do corpo, se cruzam na frente. A saia, adornada tambem de crescentes eguaes aos do corpo, termina por um grande folho empregado na parte superior.

N.º 3—Vestido de passeio, em tecido muito fino, todo em pregas. Cinco largas tiras de velludo preto guarnecem o corpo e passando sobre o cinto prolongam-se, com excepção das duas lateraes, até quasi ao extremo inferior da saia. A parte superior do corpete, guarnecido com duas estreitas fitas de velludo preto, abre-se graciosamente sobre um peitilho de mousselina de seda, egualmente guarnecido com duas fitas de velludo entrecruzadas. Dous pequenos laços de velludo preto guarnecem a extremidade das mangas que terminam por um folho de mousselina de seda.

Estampa Terceira (pag. 19)

No empenho de apresentarmos ás nossas leitoras os mais bellos modelos de chapeus, procuramos entre as mais reputadas casas de modas de Paris, o que n'esta grande cidade existe de mais elegante; e sendo proverbial a superioridade das creações da casa Lenthéric, foi a esta que preferimos, obtendo os tres modelos que hoje exhibimos nas nossas paginas. As confecções de Lenthéric têm sobre tudo a vantagem de não exceder os limites do fino gosto; nunca nos seus salões da rua de Saint Honoré se viu um d'esses modelos que procuram notoriedade através de exageros e de extravagancias lamentaveis. Os modelos que hoje reproduzimos pertencem ao numero das ultimas creações do habil artista e decerto serão justamente apreciados pelas nossas leitoras.

N.º 1—Chapeu de palha de Italia. A aba, forrada de tulle branco e debruada de velludo preto, é guarnecida de rosas amarellas de Niel, e rosas levemente carminadas.

N.º 2—Chapeu de dupla aba, de crina côr de rosa, guarnecido de madre-silvas e laços de velludo preto.

N.º 3—Pequeno chapeu de palha ordinaria com listas de velludo preto e grandes ramos de papoulas.

A Vida Politica

INGLATERRA

Depois de um feliz, prospero e benefico reinado de sessenta e tres annos, causou profunda impressão o fallecimento da rainha Victoria. A demonstração espontanea e generosa do sentimento publico na Gran-Bretanha, era tudo quanto ha de mais natural, e o mesmo pode dizer-se de certas colonias longinquas cuja lealdade tem talvez mais vehementes manifestações de que a da metropole; mas a observação mais notavel que este acontecimento proporcionou e que mereceu os mais reconhecidos commentarios de toda a imprensa britannica, foi a da evidente sinceridade do pezar sentido fóra dos limites da Inglaterra e suas colonias. A fallecida rainha estava ha tanto tempo identificada, no espirito dos homens, com a ordem das cousas estabelecidas; as suas relações de familia eram tão numerosas e tão poderosas nas principaes casas reinantes da Europa; sabia-se tão bem quanto a sua influencia pessoal trabalhava em favor da paz europêa, que o desapparecimento de esta augusta individualidade, excitando uma profunda dor, muda o curso ás mais geraes e habituaes maneiras de pensar.

A RAINHA VICTORIA

FALLECIDA, COM 82 ANNOS, EM 22 DE JANEIRO DE 1901.

Em Inglaterra, a commoção foi muito intensa. Os problemas que agora se apresentam ao espirito dos homens, não são simples especulações de interesse academico. Da solução a dar-lhes, depende, em grande parte, a felicidade futura e a prosperidade do Estado. Todos os inglezes perguntam que effeito produzirá na vida politica da Gran-Bretanha, a mudança de monarcha. O silencioso e quasi imperceptivel desenvolvimento das praticas constitucionaes, vae continuar como até agora? — Até que ponto se fará sentir, no costumes e na vida social, a influencia do novo rei?

Antes de responder a estas perguntas, é necessario estudar a influencia da realeza na Inglaterra e a posição do novo soberano perante o Estado. No discurso de condolencia que pronunciou por occasião da morte da rainha, o *leader* da Camara das Communas, senhor Arthur Balfour, declarou que, segundo a sua opinião, a importancia da Corôa augmentava na Inglaterra. Esta affirmativa, que é essensialmente verdadeira, carece todavia de uma determinação e de uma explicação. As prerogativas reaes não foram amplificadas durante o reinado da rainha Victoria. A auctoridade regia é definida e limitada pela pratica constitucional, — e embora a pratica constitutional moderna tenda a favorecer o desenvolvimento das prerogativas reaes, é sempre o contrario que succede, quando se effectua qualquer mudança.

Guilherme IV, uma vez, aventurou-se a demittir alguns ministros, sem considerar que elles conservavam a confiança da Camara das Communas; mas no longo reinado da rainha Victoria, um precedente, que ainda não teve excepção, estabeleceu o principio de que os ministros exercem as suas funcções, quer agradem quer não agradem ao soberano.

É verdade que ha outro aspecto do poder real, alem do que a constituição abertamente e formalmente reconhece como attributo da realeza. Uma influencia que se sente, sem se vêr, — que é impalpavel e penetra em toda a parte, pode ser mais importante do que o povo crê e do que os ministros querem admittir. Baseada especialmente na dedicação dos subditos á pessôa do monarcha, tem bastante força para inquietar e abalar um ministerio cuja politica ou cujos individuos não gozem do favor real. Os effeitos desta influencia são, sobre tudo, sensiveis nas nomeações para os altos cargos da Egreja e do Estado. Pela theoria constitucional, o rei, que é nominalmente investido do direito de designar os titulares de esses cargos, não o faz se não depois de ouvido o ministro, — do que resulta, a final, ser o ministerio o unico responsavel das nomeações. Todavia, os candidatos favorecidos pela protecção real têm uma grande superioridade sobre os seus rivaes. Qualquer que seja o cargo, em cada districto administrativo ha pessôas de maior ou menor posição, que advogam as pretenções do protegido real, sem nunca ou quasi nunca verem desprezada a sua intervenção. Cada candidato tem os seus amigos; fazendo, entre elles, uma habil selecção, encontra sempre meio de obter que a Côrte se interesse pelas suas pretenções. O ministro responsavel, pode ter outro pensamento sobre a escolha do funccionario; mas não se atreve, a oppôr-se formalmente a desejos tão bem recommendados.

N'estes casos, as opiniões da Corôa serão preponderantes: e o gráu de auctoridade, o caracter e a habilidade do soberano, collocal-o-hão em estado de utilisar o seu poder; é verdade que ha tambem a força do ministerio, — mas quando é que qualquer ministerio se oppõe abertamente á vontade real?

Egualmente, no campo da politica estrangeira, é consideravel a influencia da Corôa. Uma politica que desagrade ao soberano, encontrará sempre um grande numero de inimigos, pela unica razão da existencia de esse desagrado, se outra não ha. Fazem-se modificações e concessões para evitar conflictos. Alem d'isso, o inconveniente pratico, que nasce da circumstancia de se submetter ao monarcha os despachos destinados ao estrangeiro, antes de seguirem para o seu destino, pode ser aggravado e tornar-se um obstaculo á politica do governo, por causa da demora e da discussão das palavras de cada despacho. Lord Palmerston tentou evitar esta difficuldade, enviando muitos telegrammas para o estrangeiro sem os submetter antes á leitura da rainha, com o pretexto de que as moções que continham não podiam soffrer demora alguma; todavia, foi vencido na lucta, — e os ministros que lhe succederam, não tentaram jamais negar ao soberano o direito de conhecer previamente as communicações relativas á politica internacional.

Um exemplo notavel da influencia da Corôa nos negocios estrangeiros, e cujas consequencias ainda hoje se sentem, foi o que se deu em 1880, quando o governo de Gladstone succedeu ao de Lord Beaconsfield. O grande *leader* tinha-se opposto á politica de Lord Beaconsfield no Afghanistan e no Transvaal, e um dos primeiros actos do seu governo foi renunciar á occupação de Kandahar. Esta renuncia causou grande desgosto na Côrte, — e Gladstone, não querendo provocar nova opposição com uma restauração simultanea da independencia do Transvaal, adiou esta medida de prudente e generosa politica. A decepção moveu os Boers á guerra, — e o resultado de este estado de cousas, foi que, terminadas as hostilidades e reconhecida a independencia do Transvaal, obteve um certo fundamento

a crença de que os Boers a tinham arrancado á força do governo inglez.

A influencia do rei é certamente menos sensivel na legislação do que em qualquer outro ramo da actividade parlamentar. É difficil, em verdade, constatar vestigios do poder real na confecção das leis. Certo é que o governo, em virtude do seu direito de regular o emprego do tempo na Camara das Communas, é quasi exclusivamente investido da faculdade de apresentar *bills* ao Parlamento, — e é facil de conceber quanto a vontade real pode constranger os membros do ministerio a tomarem a iniciativa de propostas legislativas particulares. Mas a liberdade dos debates parlamentares seria um obstaculo para a realisação de taes actos — e, sem duvida, não ha exemplo de qualquer tentativa de este genero.

Consequentemente, a importancia da Corôa, de que falla o senhor Balfour, depende presentemente da auctoridade do soberano sobre os ministros, — e esta auctoridade depende, por sua vez, da influencia do soberano sobre o povo, a qual carece de base mais firme do que uma simples popularidade.

LORD SALISBURY
PRIMEIRO MINISTRO DO GOVERNO INGLEZ.

A Corôa constitue um laço tangente entre a metropole e as grandes colonias autonomas. Os subditos britannicos de alem-mar, vêem no monarcha a quem prestam homenagem, o symbolo vivo da unidade do imperio e da egual quota hereditaria que no mesmo lhes pertence. Privados, pelos vastos espaços que os separam da patria-mãe, de um contacto directo com aquelle que occupa o throno, assim como dos meios de observar-lhe o caracter, a sua fidelidade encontra, na idêa da soberania, maiores estimulos de enthusiasmo do que se podem achar na Inglaterra. Essa fidelidade e os recursos que ella offerece para a consolidação do imperio, são cousas bem conhecidas na Inglaterra e dão uma nova força ás instituições monarchicas, reagindo sobre a opinião publica da metropole.

LORD ROBERTS
EX-COMMANDANTE EM CHEFE DAS TROPAS INGLEZAS NA AFRICA DO SUL

É possivel admittir previsões sobre uma desgraça nacional; mas suppondo a eventualidade de que qualquer futuro monarcha se mostrasse indigno do respeito e da admiração que sempre rodearam a fallecida rainha, bastaria o facto de as colonias serem insufficientemente influenciadas por essa dolorosa situação, para salvar as instituições monarchicas de uma irreparavel catastrophe.

O reinado de Eduardo VII, começa sob os mais favoraveis auspicios. O sentimento de fidelidade deborda em todo o paiz. Ha um sincero amor pelo rei e pela rainha Alexandra, em todas as classes da população. Não se regista uma só de essas demonstrações republicanas que nos primeiros annos e no meio do reinado da rainha Victoria, fizeram os membros mais avançados do partido liberal. A antiga corrente anti-monarchica, que atravessou a Europa no meio do seculo XIX, tocou as costas de Inglaterra, — e é possivel que os principios republicanos tivessem lá deixado mais profundos vestigios, se o throno estivesse então occupado por um soberano menos integro.

Nos ultimos annos da sua vida, a rainha Victoria era recebida com tanto enthusiasmo pelos seus subditos, sempre que apparecia em publico, que o povo, obcecado por esta impressão, esquece a mutação que se operou no alvo das suas manifestações.

Sem retrogradar mais, encontraremos, em 1886, um incidente que permitte apreciar as disposições republicanas dos operarios de Londres, n'essa epocha. Na primavera de esse anno, em Pall Mall, uma rua composta, na maior parte, de grandes predios occupados pelos clubs elegantes de Londres, procedia-se a umas reparações n'uma casa, e nos andaimes exteriores trabalhava um grande numero de operarios. Aconteceu a rainha passar por ali, em carruagem descoberta, sem cerimonial, apenas acompanhada pelos batedores ordinarios, cuja presença indicava a sua approximação. Não havia então as multidões enthusiastas que nos ultimos annos se atropellavam nas ruas, para a vêr passar, quando ella apparecia em publico. Os operarios, sobre os andaimes, como obedecendo a um signal combinado, cessaram de trabalhar e fizeram um simples rumor á passagem do carro. Este incidente, insignificante por si mesmo, é digno de nota, porque foi provavelmente a ultima manifestação de hostilidade que a rainha soffreu. O jubileu de 1897, com o magnifico espectaculo que o assignalou, marca o inicio de um periodo ininterrupto de enthusiastica popularidade.

. . . . . .

A dotação do rei Eduardo, não será certamente inferior á totalidade da lista civil concedida a sua mãe. Alem d'isso, junctar-se-ha, provavelmente, a somma de 50.000 libras esterlinas em favor da rainha Alexandra. Depois de isto, falta registar que na metropole, onde são principalmente dispendidos os recursos do thesouro real, ha disposições de fornecer ao rei uma renda conveniente para dar á Côrte uma nova organisação, collocando-a em condições de esplendor superiores ás actuaes.

LORD KITCHENER
ACTUAL COMMANDANTE EM CHEFE DAS TROPAS INGLEZAS NA AFRICA DO SUL.

As propostas legislativas que o governo apresentará na presente sessão, não têm interesse algum. O dinheiro será o thema constante da discussão. As enormes despezas exigidas pela guerra da Africa do Sul, excedendo 1.000.000 de libras esterlinas por semana, imporão medidas tributarias que nem o Parlamento nem o paiz receberão agradavelmente. Pode esperar-se, desde já, uma opposição encarniçada dos deputados irlandezes; pois, graças á nova organisação que estabeleceu a cohezão do seu partido, estão em observação continua, em Westminster, e operam estrictamente conforme as ordens dos seus *leaders*. A opposição é, por via de regra, desunida e portanto fraca, — mas os liberaes vão ser obrigados a unir-se, bem contra a sua vontade, ao que parece, para pôrem um freio ás extravagantes despezas actuaes.

SIR JOE CHAMBERLAIN
MINISTRO DAS COLONIAS, DE INGLATERRA.

Os tributos da guerra elevaram ao mais alto gráu o vasto augmento de despezas nacionaes que se acha repartido por cada departamento. É certo que a receita tem subido, em saltos e cabriolas, mas as despezas tambem se têm elevado na mesma

proporção. Têm-se até elevado mais, — e comquanto haja razões para crêr que a receita vae começar a diminuir, é indubitavel que não ha cousa mais difficil do que reduzir as despezas que se tornaram habituaes.

As perspectivas financeiras são realmente muito sombrias, e é mais que provavel que o tempo da Camara das Communas, no decurso da presente sessão, seja quasi exclusivamente consagrado ao exame das questões da Fazenda.

(Trad. da *Revue Politique et Parlementaire*). REGINALD MAC-KENNA.

Os Cães Inglezes

Os tres cães, *Rodney Stone*, *Portland* e *Bromley Crib*, que reproduzimos em gravura, foram ultimamente apresentados na exposição canina de Birmingham, conhecida em Inglaterra por *Nacional Dog Showe*, e cuja creação data já de 1859. Esta exposição realisou-se em Curzon-Hall, n'uma sala habitual-

RODNEY STONE.

mente destinada para reuniões publicas, mas cujas dimensões não facilitam uma installação perfeita. Os cães são expostos sobre mostradores da altura de 0m60, separados uns dos outros por uma fragil rede de arame, sem a resistencia necessaria para o fim a que é destinada. Na frente não ha resguardo algum; de modo que se os visitantes não usam de certas precauções, correm muitas vezes o risco de ser aggredidos pelos cães ferozes, eventualidade bem receiavel, porquanto o espaço que separa os mostradores, destinado á circulação do publico, raramente excede 1m70.

Na ultima exposição, realisada em dezembro do anno findo, foram expostos 918 cães, divididos em 432 classes. Este numero de classes, facilita a concessão de premios a certos cães cujo valor não é tão grande como pode parecer; d'esta circumstancia nasce a precaução, usada pelos inglezes, de nunca comprarem um cão diplomado, sem conhecerem préviamente a classe a que elle pertenceu. Assim, por exemplo, um primeiro premio na *Selling class* ou na *Maiden class*, tem um merito muito inferior a um primeiro premio na *Open class* ou na *Limit class*, como se pode ver pela seguinte classificação adoptada em Birmingham :

1.º SELLING CLASS. — Cães para vender por um preço limitado, que oscilla ordinariamente entre 10 e 20 libras esterlinas.

2.º MAIDEN CLASS. — Cães que nunca obtiveram premio algum em exposição reconhecida pelo Kennel Club.

3.º NOVICE CLASS. — Cães que nunca obtiveram um primeiro premio antes do dia do encerramento das transacções, em exposição reconhecida pelo Kennel Club.

PORTLAND.

4.º PUPPY CLASS. — Cães que no dia da abertura da exposição não tenham menos de tres mezes nem mais de doze.

5.º JUNIOR CLASS. — Cães nascidos no proprio anno da exposição ou no anno precedente.

6.º LIMITED CLASS. — Cães que não tenham obtido seis primeiros premios em exposições reconhecidas pelo Kennel Club nas classes determinadas para a inscripção gratuita do Kennel Club Stud Book.

7.º WINNER'S CLASS. — Cães que tenham obtido mais de seis primeiros premios, nas condições indicadas no numero anterior.

8.º OPEN CLASS. — Todos os cães, sem restricção alguma.

9.º FIELD TRIAL CLASS. — Cães que tenham obtido em um *field trial*, um premio ou um certificado de merito, ou ainda um « heat ».

10.º LOCAL CLASS. — Cães cujos proprietarios residam dentro d'um raio de vinte milhas em volta do Curzon-Hall.

11.º TEAM CLASS. — Um lote de tres cães do mesmo proprietario, que individualmente pertençam, pelo menos, a classes differentes.

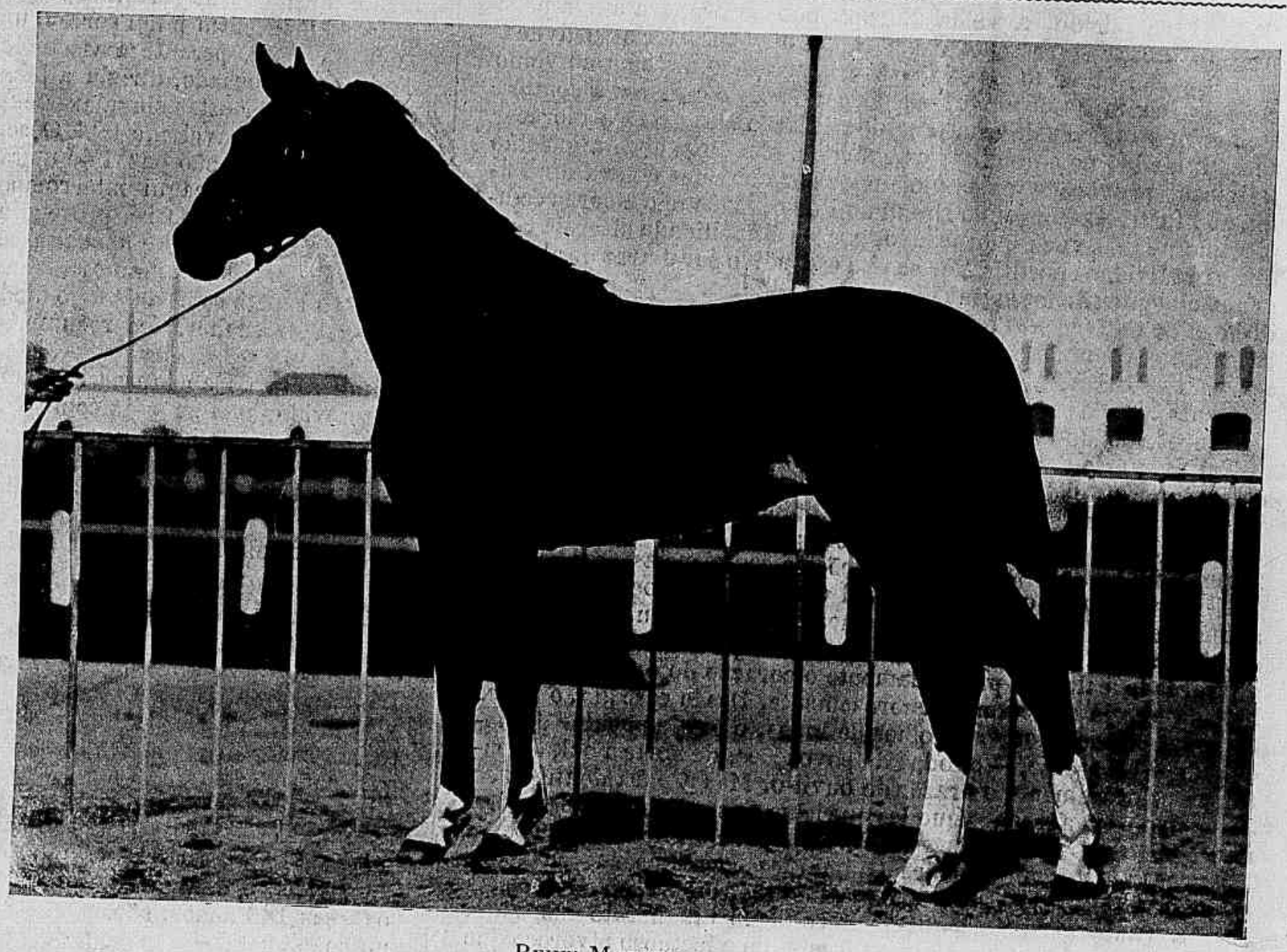
12.º BRACE CLASS. — Um par de cães nas mesmas condições da classe preceednte.

BROMLEY CRIB.

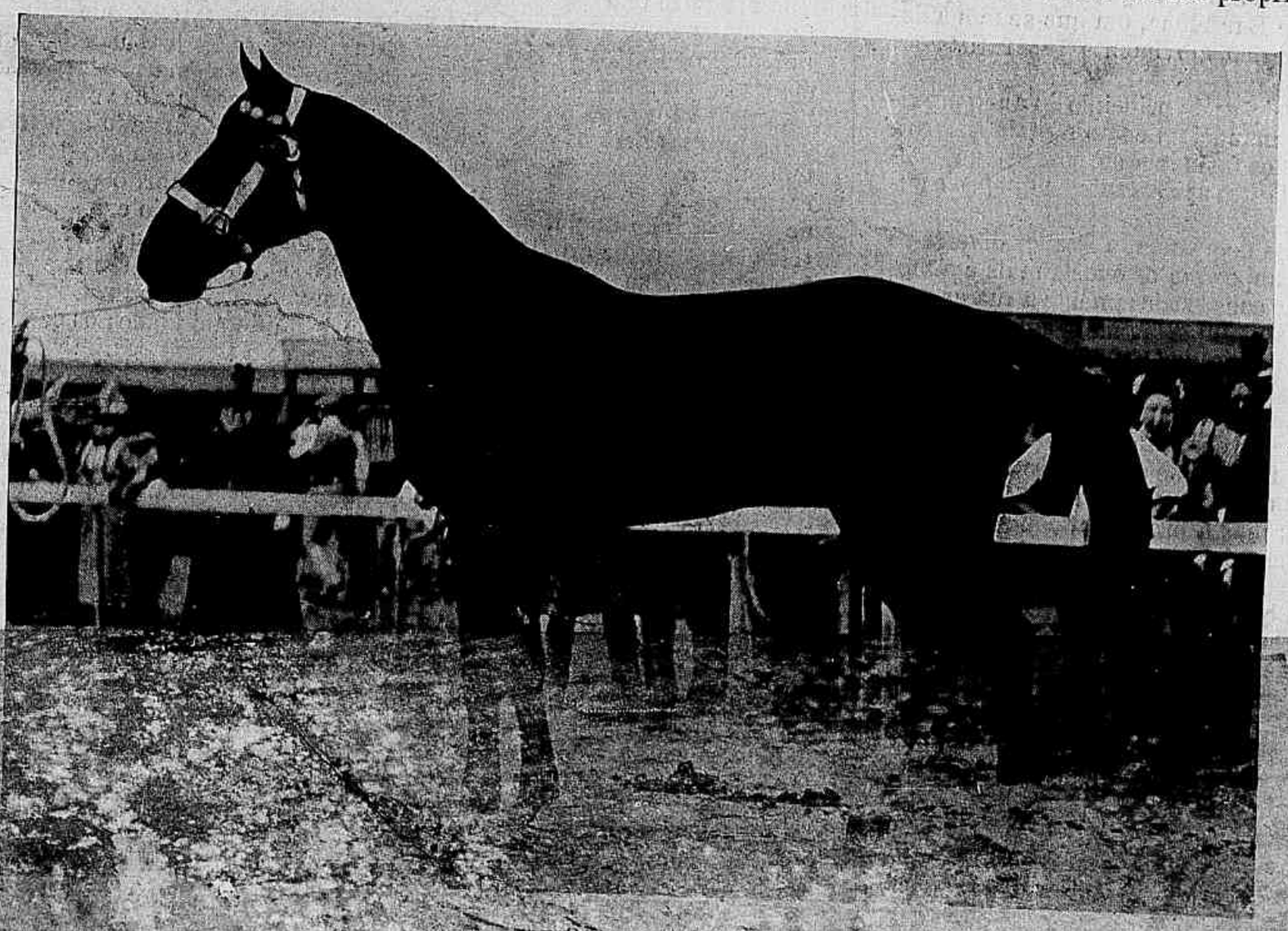
As raças caninas, em Birmingham, são divididas em dous grupos: o primeiro compõe-se dos cães que podem ser utilisados n'um *sport* qualquer; o segundo, dos cães de luxo. Um e outro d'estes grupos, estiveram largamente representados na exposição de que vimos falando; e só lamentamos que a falta de espaço não nos deixe fazer aqui uma descripção ampla e completa dos specimens que se admiraram no Curson-Hall. Todavia, pelos magnificos exemplares reproduzidos hoje na nossa revista, e por estas ligeiras indicações, podem os leitores calcular como foi interessante e importante a exposição canina de Birmingham, apesar das insufficiencias e dos defeitos de installação que acima apontamos. Pena é que os inglezes, sempre tão emprehendedores, não tenham ainda construido uma sala mais propria para estas exposições, como a das Tulherias, por exemplo, que elles proprios admiram e confessam ser perfeita em todos os seus pontos.

Os Descendentes de « Cherbourg »

Os dous bellos animaes que hoje estampamos, « Reine Marguerite » e « Radziwill » são respectivamente filho e neto de um dos mais famosos exemplares da raça trotadora normanda. « Cherbourg » se chamava elle. Era um magnifico cavallo de grande altura, pois media 1m69, nascido em 1880 em Petiville (Calvados), em casa de M. Constant Hervieu, conhecido educador de dous outros trotadores celebres : « Serpolet » e « Harley ». « Cherbourg » debutou por uma victoria, em Vincennes, no anno de 1883, e depois d'esse primeiro triumpho, outros se succederam, numerosamente. Foi esse anno o periodo mais brilhante da sua vida, pois durante elle só duas vezes foi vencido, ganhando a quantia de 56,441 francos. No seu quarto anno de idade, começou a decahir e o seu proprietario, desgostado, decerto, por elle só ter adquirido n'esse anno, uma somma pouco superior a 10,000 francos, vendeu-o á Administration des Haras. Na ganealogia de « Cherbourg » e, portanto, na dos dous exemplares que reproduzimos em gravura, figuram, repetidas vezes, os maiores nomes da raça trotadora da Normandia e das raças da Inglaterra, da Arabia e da Turquia, como « Janny Rattler » o patriarcha da raça normanda, « Docteur », « Glorieux », « Bacha », etc. Não é, portanto, immerecida a honra que hoje damos a dous dos mais notaveis descendentes de esse grande cavallo que tem, na creação normanda, um importante e inolvidavel papel.



REINE MARGUERITE.



RADZWILL.

Echos da Europa

SUMMARIO: — As nuvens do verão. — A questão religiosa em Portugal. — A Hespanha e os seus tumultos. — Politica franceza. — O *record* do Crime. — Mascagni na Austria. — Os netos de Mathusalem. — Bibliographia.

APESAR dos inclementes calores com que o verão de este anno se iniciou, a velha Europa não se prepara ainda para gosar livremente e em repouso as suas férias estivaes. Em quasi todos os paizes ha nuvens que, como no velho conto da formiga, encobrem o sol; e é talvez a sombra d'ellas que através de esta languida estação não deixa esmorecer as actividades nem debilitar os esforços. Em Portugal, a questão religiosa, provocada pelas violencias dos clericaes contra uma filha do illustre ex-consul do Brasil no Porto, ainda não morreu completamente mas vae esmorecendo, graças á habilidade discreta com que os individuos hostilisados se têm escondido por detraz de alguns acontecimentos de mesquinha politica partidaria. E assim desviados do foco das attenções do paiz, vão preparando o seu caminho, com raios de excomunhão barata n'uma das mãos e copiosa moeda de soborno na outra. As leis são illudidas grosseiramente, e o governo, contaminado por altas influencias, protege illogicamente os transgressores, pondo ao seu serviço incalculaveis violencias policiaes.

Em toda esta deploravel questão, um homem se tem distinguido, como interprete do sentir do povo portuguez que sendo christão por educação de seculos, detesta cordialmente, com um odio tambem tradicional, os falsos apostolos que, em nome do seu Deus, fazem um sacrilego trafico de corações e consciencias.

Esse homem, é o padre Manuel Guimarães. Moço ainda, este sacerdote, limpos os labios de mentira, prégou um dia n'uma egreja rustica, perto do Porto, — e as suas palavras de bondade e de verdade calaram profundamente o coração do povo, que á sahida da egreja o acclamou amorosamente. Desde esse dia, o padre Guimarães encarnou, aos olhos de todos, o sentir popular da nação liberal e crente, — e todas as povoações, de norte a sul, disputaram calorosamente o prazer de ouvil-o. Mas a pura doutrina de Jesus não póde agradar áquelles que içam na sua cruz uma bandeira negra de combate; o bispo do Porto, servindo interesses que não eram seus, castigou o padre Guimarães com uma suspensão de exercicio. Esta violencia, como é facil de comprehender, apenas teve a vantagem de agrupar em volta do intemerato moço um maior numero de sympathias; e foi com um affectuoso alvoroço que o paiz acolheu o seu livro, «Christãos ás feras», ultimamente publicado.

Na Hespanha, a questão religiosa está apparentemente extincta. Até os enthusiasmos da *Electra* cessaram já, absorvidos pelos gravissimos tumultos operarios de Barcelona, em que se tem affirmado, mais de uma vez, o energico movimento separatista da Catalunha.

A França trabalha já para as eleições do principio do anno proximo, cuja disputa os interessados annunciam como a mais encarniçada dos ultimos tempos. Os partidos fusionam se, com mutuas concessões, e apenas dous corpos militantes se degladiam: um pró e outro contra o governo.

Afóra estes preparativos de lucta domestica, a França diverte-se como póde, violando a paz dos campos em os sports mais em moda, e arranja as malas para iniciar conscenciosamente a sua epocha de praias. Para lhe servir de passatempo, no mais agudo periodo de transição, um bando desesperado de malandrins teve o cuidado de offerecer a sua gula as mais abstrusas aventuras do crime.

O revolver e o punhal ajudaram, durante algumas semanas, com verdadeiro delirio, a sombria e já cansada imaginação dos herdeiros espirituaes de Ponson. Paris, que é o theatro habitual de estas tragedias, regista durante os ultimos mezes, um subido numero de crimes impressionantes; mas a provincia, com a sua vigilante emulação subalterna, tambem ás vezes sopra pelos fios telegraphicos uma d'essas noticias de crueldade e terror com que os jornaes populares sugam a emoção e os *sous* dos leitores. No ultimo mez, por exemplo, deu singular brado, um espantoso crime de carcere privado descoberto em Poitiers. A victima, Blanche Monnier, encarcerada por sua mãe e por um irmão, ha mais de vinte annos, no periodo aureo da sua mocidade, foi encontrada em um quarto immundo, quasi sem luz e sem ar, deitada n'uma enxerga infecta, o corpo nú, de uma magreza esqueletica que afflige vêr mesmo nas reproducções photographicas que se têm divulgado. Privada de todo o convivio, a desgraçada perdeu o habito de fallar, quasi esqueceu a sua linguagem; transportada para um hospital, a revivescencia tem-se operado lentamente, mas não resta duvida de que se completará. Os auctores d'este horrivel crime, a mãe e o irmão, foram presos; aquella, que affectava desconhecer a tremenda responsabilidade dos seus actos, falleceu semanas depois na prisão; este, espera o julgamento e a sentença que decerto lhe dará a recompensa que merece, apesar dos esforços que os jesuitas fazem para libertar este seu amado cliente espiritual.

Para renovar a atmosphera envenenada por estes miasmas de maldade, eis uma historia que permitte avaliar até que ponto a sisuda Austria é sensivel ás tentações da Comedia. — Ha tempos, Mascagni, o auctor da *Cavallaria Rusticana*, foi a Vienna dirigir a execução de uma das suas obras, — e tendo aceitado o convite para um saráu de gala, que lhe offereceram os artistas viennenses, declarou logo, para se livrar de embaraços, que não conhecia a lingua allemã. Os artistas, que ainda não estavam sufficientemente purgados, de certo, da jovial malicia academica, entreolharam-se, morderam n'um sorriso uma idêa famosa, — e á noite, no auge da festa, perante a assemblêa mais ou menos cumplice, um d'elles, mais ousado, dirigiu a Mascagni um discurso em allemão, começando por estas singulares expressões:

— «Incomparavel mestre! O senhor que nos deu a *Cavallaria Rusticana*, que não passa de uma empada musical...»

Radiante, Mascagni interrompe-o, para lhe apertar effusivamente a mão. E o outro, proseguindo:

— «...O senhor que apenas possue o talento do reclamo...»

Crendo perceber uma nova homenagem na mimica do orador, o maestro repete com mais fogo ainda o testemunho da sua gratidão.

— «...O senhor, em resumo, que não é senão um salsicheiro genial...»

Em volta os applausos revoam, para abafar o riso. Mascagni, commovido, não sabe já como demonstrar o seu reconhecimento, — e a scena continua, burlesca e desleal, como nas velhas comedias hespanholas. Ora, com franqueza, o sal de este episodio é caustico de mais. Zombar de um hospede incontestavelmente illustre, filho de um paiz amigo, é procedimento que nem mesmo o mais estouvado folião do Meio-dia applaudirá.

Os estatisticos, ha pouco, querendo dar um empurrão definitivo á Civilisação do Universo, lembraram-se de averiguar esta cousa importante: — em qual dos paizes da Europa havia mais individuos centenarios. Essa profunda excavação de idades, deu a primasia á Irlanda, que abre a lista com 578 centenarios. Seguem depois a Servia com 575; a Hespanha, com 331; a França, com 212; a Inglaterra, com 146; a Italia, com 123; a Allemanha, com 78; Portugal, com 67; a Suecia e a Noruega, com 32; a Belgica com 5 e a Dinamarca com 2. Uma pesquiza da mesma natureza, mas em maior escala, confere ao Brasil a honra de possuir o homem mais velho do globo, na pessoa de um negro de 150 annos que vive no Rio de Janeiro. Este, e um cocheiro de Moscow, que acaba de completar os seus 140 annos, são, portanto os dous mais antigos homens do nosso planeta, — os ultimos reflexos de essas idades ancestraes de que tão prodigamente falla a velha tradição hebraica...

Duas palavras ainda sobre dous livros de versos que ha pouco recebi: um de Coimbra, outro de Manáus.

O primeiro tem por titulo *Descendo* e é firmado pelo senhor João Lucio. Diz Campoamor, n'uma velha e já esquecida ode, que «em Portugal os sonhos são paixões». Esta phrase explica talvez o numeroso contingente de poetas que todos os annos se matriculam na litteratura lusitana, enchendo as livrarias de ameninados volumes e os jornaes amigos de extravagantes reclamos. Afastado algum tempo, por preoccupações de outra natureza, de assumptos litterarios, confesso que foi com certa desconfiança que abri o volume do senhor João Lucio. Felizmente, porém, o meu receio era injustificado. O auctor do *Descendo* possue reaes e valiosas qualidades lyricas, e a sua poesia de rythmos morosos, tocada de um suave luar de elegia, tem sangue e alma de um verdadeiro poeta. Certo, a sua arte carece ainda de agilidade e de flexibilidade; os seus versos, por vezes, não se impregnam bem no aroma sentimental que o poeta quer communicar-lhes; mas estes defeitos, quasi inevitaveis n'uma estreia, são cousas que naturalmente desapparecerão, quando o senhor João Lucio, bem seguro da sua arte, realisar a promessa, deveras valiosa, que o seu primeiro livro encerra.

O segundo livro, vindo do alto Amazonas, tem comtudo um titulo portuguez: — *Telas do Minho*, porque portuguez tambem é o senhor Abilio Maia, seu auctor. Penetrado de fragancias campestres, este livro simples é a historia de uma nostalgia. Longe da sua patria o senhor Abilio Maia evoca-a na recordação dos dias de outr'ora, e o Minho surge, pittoresco, cheio de sombras e aguas, com lugares tranquillos onde o sol, a paysagem e os homens vivem a mesma vida familiar e fecunda. Embora algumas vezes a crueza do colorido perturbe a transparencia dos seus versos, o poeta affirma-se e presente-se em todo o livro. E é por isso, pelo seu honesto frescor de sinceridade, que facilmente se perdôa ao auctor o que ha de anachronico nos seus processos artisticos. As *Telas do Minho* inserem algumas palavras justas e carinhosas do illustre poeta brasileiro, senhor Olavo Bilac.

D. J. DE C.

G. DELMAS, Imprensa editora da *Illustração Brasileira*, 48, rue de la Victoire, PARIS
Gerente: JULIO PARQUET

SUMMARIO

TEXTO:

Illustração Brasileira. — **Dr. Campos Salles.** — **Electro-iman do Professor Kaab.** — **Os heroes do Transvaal.** — **As creanças na litteratura,** D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — **Cordelia,** Julio Brandão. — **O couraçado « Floriano ».** — **Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes.** — **Jeanne Chauvin.** — **Poetas Brasileiros,** Dr. Theophilo Braga. — **José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio-Branco.** — **O Barão do Rio-Branco,** Domicio da Gama. — **Paula,** novella, D. João de Castro. — **A vida das nações,** Eça de Queiroz. — **Correio da moda,** Baroneza de Mayerville. — **Inglaterra,** Reginald Mac-Kenna. — **Os cães inglezes.** — **Os descendentes de « Cherbourg ».** — **Echos da Europa,** D. J. de C.

GRAVURAS:

Dr. Campos Salles, Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brasil. — **Rio de Janeiro : Praia da saudade.** — **Electro-iman do professor Kaab.** — **General Joubert.** — **General Villebois-Mareuil.** — **General Cronje.** — **General Botha.** — **Um boer transvaaliano com os seus dez filhos armados para a campanha.** — **Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes.** — **Jeanne Chauvin.** — **O couraçado « Floriano ».** — **Visconde do Rio-Branco.** — **Barão do Rio-Branco.** — **Vestido de voile branco-marfim.** — **Vestido de passeio.** — **Vestido de panno assetinado.** — **Vestido para visita.** — **Vestido de theatro.** — **Vestido de passeio.** — **Chapeu de palha de Italia.** — **Chapeu de dupla aba.** — **Pequeno chapeu de palha ordinaria.** — **A Rainha Victoria.** — **Lord Salisbury.** — **Sir Joe Chamberlain.** — **Lord Roberts.** — **Lord Kitchener.** — **Rodney Stone.** — **Portland.** — **Bromley-Crib.** — **Reine Marguerite.** — **Radziwill.**

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACÇÃO — Rue de la Victoire, 48 — ADMINISTRAÇÃO

Telephone N.º 218-98 — **PARIS** — Telegrammas : ALMAFRE-PARIS

SÉDE EM BORDEUS : Rue Tourat, 40

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Brasil	Anno, 24$000 reis.	Semestre, 12$000 reis.	Numero avulso, 2$000 reis.
Portugal	» 5$000 reis.	» 3$000 reis.	» 500 reis.
Outros paizes	» 24 francos.	» 12 francos.	» 2 francos.

Todas as communicações relativas á Redacção ou á Administração, devem ser dirigidas á séde da Illustração Brasileira *em* ***PARIS, rue de la Victoire, 48,*** *ou á séde em* ***BORDEUS, rue Tourat, 40.***

E' prohibida a reproducção ou a traducção dos artigos insertos na *Illustração Brasileira*, não se mencionando a sua origem.

AGENTES NO BRASIL

BAHIA	Dr. Fernando de Castro Rebello Kock, *Livraria Olivieri*, rua do Conselheiro Dantas, 44.
MINAS GERAES	Arthur Joviano — BELLO HORISONTE.
PARÁ	Raymundo Bertholdo Nunes, travessa do Dr. Moraes — BELEM.
PELOTAS	Echenique, Irmãos & C.ª, *Livraria Universal*, rua 15 de Novembro.
PERNAMBUCO	F. P. Boulitreau, rua 15 de Novembro, 46.
PORTO ALEGRE	Echenique, Irmãos & C.ª, *Livraria Universal*, rua Andradas, 444.
RIO GRANDE DO SUL	Echenique, Irmãos & C.ª, *Livraria Universal*, rua do Marechal Floriano, 106.

PORTUGAL

AGENTE GERAL NO SUL DE PORTUGAL :

Eugenio FUTSCHER, rua das Janellas Verdes, 5, LISBOA

AGENTE GERAL NO NORTE DE PORTUGAL :

Antonio Bernardo da SILVA, praça Municipal, BRAGA.

DEPOSITARIOS :

LISBOA : *Livraria Moderna*, rua Augusta, 95. | **PORTO** : *Livraria Chardron*, rua dos Clerigos, 96.